

FELÍCIO JOSÉ PÁSSARO

.....
(Gil do Monte)

Gil do Monte foi o pseudónimo literário mais usado por Felício José Pássaro, que nasceu em Évora a 11 de Janeiro de 1903 e aí faleceu a 19 de Março de 1987. Mas usou também o pseudónimo *Spartaco* em alguma da sua colaboração no "Notícias de Évora".

Começou a trabalhar aos doze anos e frequentou a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira. Contudo, o facto de ter que ganhar a vida impediu-o de concluir o curso de contabilidade. Assim, foi corticeiro, operário cerâmico e, depois, profissional de seguros, de que acabou por se reformar.

A Évora dedicou a sua atenção no estudo da história e património. Os clubes desportivos, as associações recreativas, os artífices e figuras populares encontraram nele o memorialista empenhado, que nos deixou testemunhos valiosos do dia-a-dia da cidade. Mas, em meu entender, são os trabalhos – diligentes e probos – sobre as tipografias e



GIL DO MONTE - Pseudónimo de José Felício Pássaro

sobre a imprensa eborense, que ninguém que pelo seu estudo se interesse pode ainda hoje deixar de considerar.

Foi membro do Conselho Fiscal do «Legado do Operário de Évora» em 1950 e Tesoureiro em 1952; foi ainda o redactor do n.º de 17 de Julho de 1957 do Boletim desta Associação de Socor-

ros Mútuos.

Colaborou em **Democracia do Sul** (Montemor-o-Novo / Évora / Setúbal, 1902-1974), **Notícias de Évora** (1900-1992), **O Anunciante** (Évora, 1919-1948), **Évora, Agenda da Nossa Terra** (anual), **Boletim do Juventude Sport Club de Évora** (1952-19??) **O Arraiolense** (1936-1950) e **Brados do Alentejo** (Estremoz, 1931-19??).

Dirigiu o jornal de publicidade comercial e industrial **O Informador**, que se publicou em Évora entre 24 de Junho de 1954 e 24 de Julho de 1959.

Em 30 de Julho de 1985 foi agraciado com o Grau de Cava-

ALMANAQUE ALENTEJANO



Ano 9 - 2ª série - n.º 9 - 2013

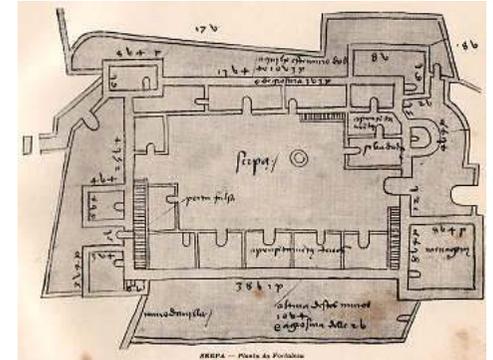
Cultura - Património - Ambiente - Tradição

em breve a cair nas mãos dos mouros, até que em 1242, no reinado de D. Sancho II, foi de vez reconquistada por D. Paio Peres Correia.

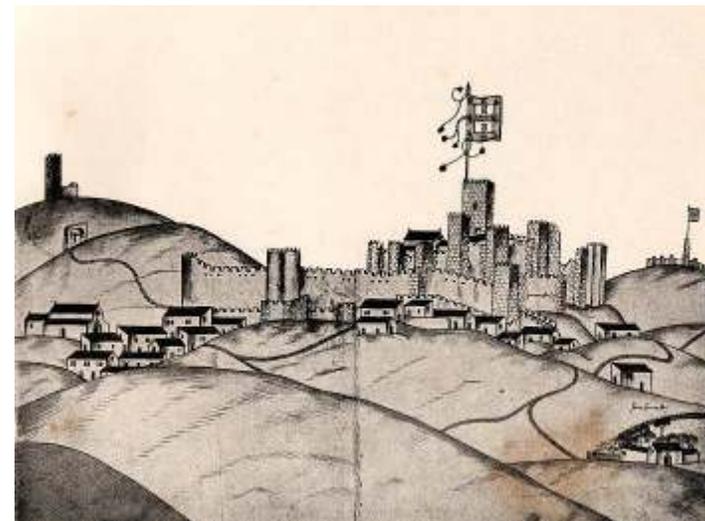
D. Dinis mandou restaurar em 1295 o castelo e as muralhas da vila, que foi repovoada com gente vinda de vários pontos do reino, passando a constituir uma praça forte da fronteira.

Supomos que seria deste tempo a fortaleza desenhada por Duarte Darmas, depois reedificada por D. Manuel.»

(1) – Os *túrdulos* ou *cúneos* eram uma tribo de atlantes, para nós, lusitanos, que habitavam a Lusitânia Meridional, desde as terras da Tartéssia, a leste do Guadiana, e se



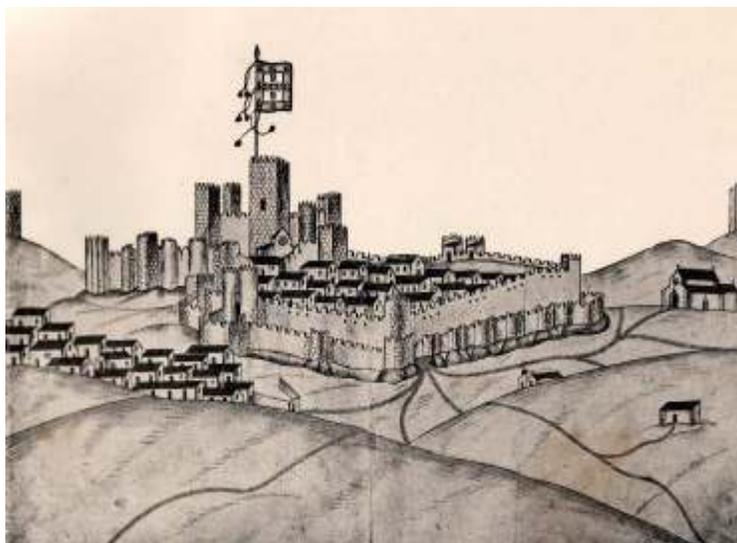
estendiam, através do Algarve, para além do Cabo de S. Vicente (*Promontorium Sacrum*). Refluídos dos territórios submersos da Atlântida, para escaparem à catástrofe, emigraram para o interior, vindo fixar-se de preferência à beira dos lagos terciários, então em plena dessecção, onde livremente se podiam fixar. Vide **João de Almeida**, «*Visão do Crente*», 2.^a edição, pág. 15 e seguintes.



Serpa – Vista tirada da banda de leste

DO "LIVRO DAS FORTALEZAS" DE DUARTE DARMAS
edição de 1943, fac-similada da de 1520/30

A FORTALEZA DE SERPA



Serpa – Vista tirada da banda do oeste

«ESTÁ a vila de Serpa situada numa pequena colina a 4 km da margem esquerda do rio Guadiana, fechando a estrada que vem de Aracena e Cortegana (terras lusitanas, e que foram portuguesas até D. Dinis), passa por Rosal de la Frontera e entra em Portugal por Vila Verde de Ficalho.

É povoação muito antiga, sendo a sua fundação atribuída aos túrdulos (1), que a teriam construído no ano 840 a. C. A sua primeira fortaleza deveria ter

consistido num castro lusitano, que já se teria desenvolvido até constituir *oppidum*, à chegada dos romanos. Muito pouco se conhece ainda da história de Serpa durante o domínio dos invasores desde os romanos aos mouros.

Sabe-se, porém, que foi conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques em 1166 e abandonada pouco depois por falta de gente para a povoar e defender. Tomada novamente em 1191 por D. Sancho I, tornou



Almanaque Alentejano

2013 – Ano IX – N.º 9 – 2ª Série
Revista anual, Dezembro de 2012

Capa:

Ocaso na raia alentejana (foto de Gonçalo M. A. Jordão)

Director e Editor:

Luís B. B. Jordão

Colaboraram neste número:

Ana Paula Venceslau, António Almeida, António Carretas, António Galvão, António José Zuzarte, Bernardo Matos, Bruno Lopes, Carlos A. Ferraz da Conceição, Domingos Rações Santos, Elsa Lopes, Fátima Marques, Francisco M. Constantino Pinto, Gonçalo M. A. Jordão, Graça M. V. Anjos Jordão, Guilherme Alves Coelho, Isabel Jordão, J. Simão Miranda, J. F. Pereira, Luís Filipe Maçarico, Luís Jordão, M. Parissy, Manuel Lopes, Manuel (Sapateiro) Rodrigues, Maria E. Rosa, Maria de Lourdes F. Braga, Maria Olívia Diniz Sampaio, Milheiras Cortiço, Moisés Cayetano Rosado, Nuno Rebocho, Sónia M. P. Silva, Vivaldo Quintans

Produção:

Esforço conjunto de Luís Jordão e hjco
Tel./Fax 218 878 001
E-mail: luis.bb.jordao@gmail.com
Rua de S. Tomé, 37 - R/C 1100-561 Lisboa
E-mail: henriquejcoliveira@gmail.com

Impressão:

Serviços de Reprografia da Escola Secª José Estêvão - Aveiro

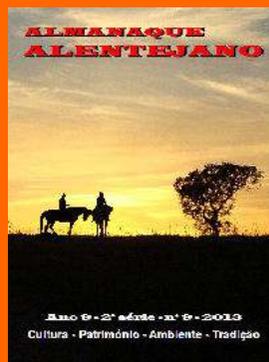
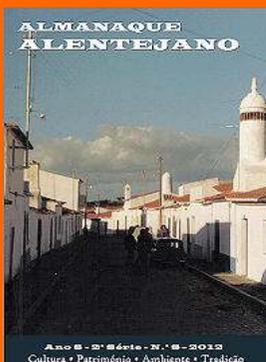
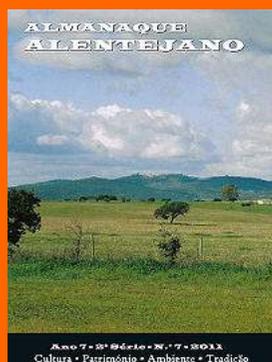
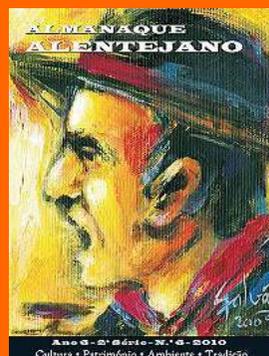
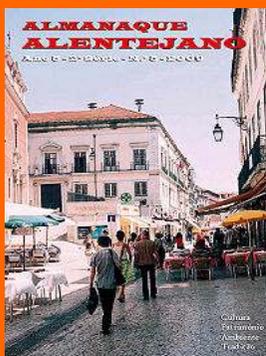
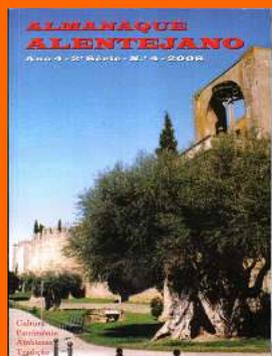
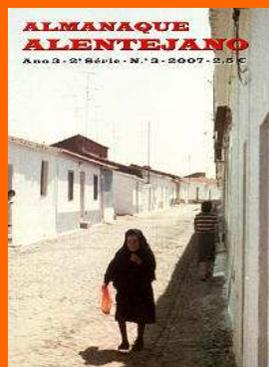
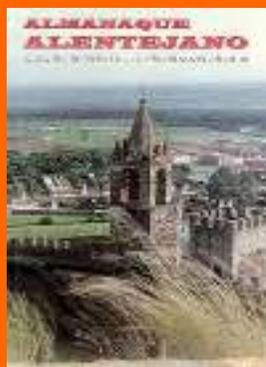
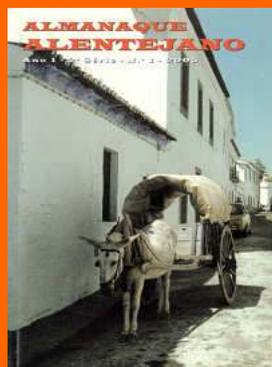
ICS: 124715

Dep. Legal: 221322/05

ÍNDICE

Editorial	5
A Fortaleza de Serpa	6
Gil do Monte	8
Os livros eternos	11
Os meirinhos da Inquisição de Évora	15
Demasiado grave para deixar esquecer	18
Agricultura Alentejana 2013	22
Tio António da Passagem	26
Migrações: Os Ratinhos	30
Avifauna: A Cotovia	33
Mercado Central de S. Paulo	36
Forcados amadores de Monsaraz	40
O importante é a Beleza	43
O "Elvas e "Patalino"	45
Ropa Limpia y Macetas	52
Avós. Persiste o Sonho	53
Portagem	54
Irredenta esperança	55
D'onde tudo partiu	56
Dentro da noite	57
A revolução dos cravos	58
Minha avó e Santo António	59
Embora de mim	60
Minha raiz de pensamento	61
Fomos pelas avenidas	62
O Reino da Luz	63
Gastronomia	64
O senhor Nunes	66
Palavras Cruzadas	69
Anuário - Calendário, fases da Lua, eclipses, astrologia, etc	70

Capas II Série



Luis Jordão



Editorial

Um 2013 atribulado com um candidato a património imaterial da Humanidade...

Temos pela frente o ano de 2013 e não é preciso ser bruxo para adivinhar que vai ser um ano mau e duro, muito mau e muito duro, especialmente para os mais frágeis e desfavorecidos, como sempre, porque os outros, os fazedores da desgraça, respaldam-se com golpes de rins e ínvias habilidades prévia e sorrateira e desavergonhadamente.

É evidente que para esta revistinha de afectos, que sempre foi difícil de pôr na rua, desta vez a coisa ainda tem sido mais complicada. Todavia, com o apoio da gente boa, que sabe bem olhar e bem escrever e bem dar, mesmo que ainda a mais duras penas, vai de novo chegar ao público, talvez um pouco atrasada, mantendo o seu perfil e a sua qualidade, porque o Alentejo, as suas gentes e a sua cultura bem o merecem.

.....

Em jeito de pé de página, tomo a liberdade, certamente desnecessária, de Vos lembrar que o **CANTE ALENTEJANO** é candidato a património imaterial da humanidade. Convém não esquecer de defender e divulgar tal facto.

E aproveito também para referir que este almanaque, além da versão impressa, tem uma electrónica, sempre e em qualquer lugar disponível graças à Internet. Ao contrário do habitual, a versão electrónica deste ano foi estruturada sem o auxílio do exemplar impresso, ainda à espera de ir para o prelo. Assim, a paginação poderá não bater rigorosamente com a versão impressa, o que não é obstáculo para uma boa leitura.

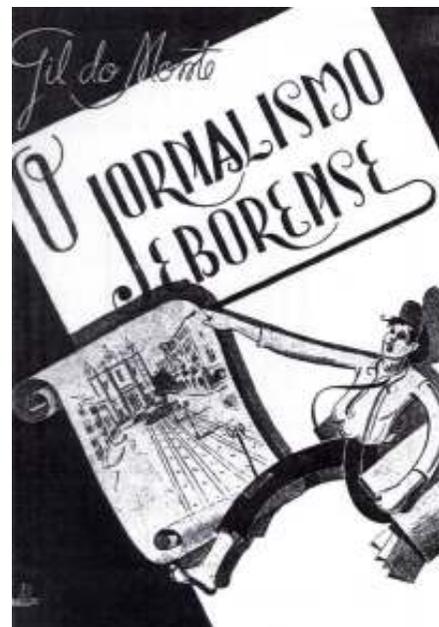
quando a sentença a isso ordenasse, e caso se tratasse dos relaxados, entregá-los à justiça secular. Sempre que lhe fosse ordenado pelos inquisidores, deveria acompanhar os advogados que assistiam os presos, cuidando para que o diálogo se circunscrevesse apenas à sua defesa. Na sala do Santo Ofício zelaria pela compostura e pelas cortesias a cumprir para com os ministros, quando estes entrassem e saíssem da sala, o que, de certo modo, lhe conferia, também, funções de mestrecerimónias.

Para poder prender alguém, o meirinho tinha de ser possuidor de um mandado assinado pelos inquisidores, e deveria fazer as prisões com recato, tratando com toda a honestidade os presos com honestidade e decência as mulheres. Ao prender os indivíduos, deveria cuidar para que trouxessem consigo cama, roupa, dinheiro – até 20.000 réis, ou o que pudessem – e alimentos. Não consentiria que se falasse com os presos nem se lhes dessem avisos, e teria particular atenção para que fossem levados para a Inquisição

apartados, sobretudo os que fossem parentes.

Cerca de 1561 na vila de Botão, no bispado de Coimbra, nasceu António Pereira que era mestre-sala do inquisidor-geral de D. António de Matos de Noronha, na cidade de Lisboa. Um dia depois de este tomar posse naquele cargo, indigitou António Pereira no posto de meirinho da Inquisição de Évora, corria o ano de 1596. A partir deste ano, António Pereira passou a residir na cidade alentejana onde se tornou irmão da Misericórdia. Em 1619 residia na Rua de Alconchel. Faleceu no mesmo local, tendo sido sepultado junto ao altar de São José na igreja da Misericórdia.

Sendo defunto António Pereira o cargo de meirinho ficaria para o seu filho primogénito, António Pereira do Souto, que o ocupou a partir de 1621. Este último casou cinco anos depois e ficou a residir em casa da sua mãe-viúva e das suas irmãs, o que originou diversos atritos familiares, levando à sua saída para morar em casa própria na Rua das Fontes, em Évora, em 1627. Tinha um escravo chama-



leiro da Ordem do Infante D. Henrique.

Trabalhou modesta e apagamamente, sem qualquer auxílio oficial ou particular, na apreciação que Manuel Carvalho Moniz foi fazendo quando da publicação regular dos seus trabalhos. O ficcionista Antunes da Silva, à data da sua morte, considerá-lo-ia «...um persistente operário das letras e um incansável investigador. Homem de bem, deixou um espólio interessante.» Oxalá tal espólio se não perca – como é entre nós infelizmente muito frequente – e possa ainda ser tratado e divulgado, como os trabalhos editados de Gil do Monte justificam.

Livros publicados

- **Subsídios para a história de Vera Cruz de Marmelar – Monografia**, 1940
- **Livros dos séculos XVI e XVII impressos em Évora na Imprensa da Universidade – Estudo bibliográfico eborense**, 1941
- **A tomada de Évora, ou a façanha de Giraldo Geraldês «Sem Pavor» - Narrativa histórica**, 1941
- **Évora, catedral da luz... efemérides de Évora**, com 244 páginas e capa de Teófilo, 1946
- **As montanhas sagradas – Impressões de viagem à Serra de Ossa**, 1947 (separata da revista ilustrada «O Anunciante» de Junho de 1947)
- **O Jornalismo Eborense**, 1955 (2.ª edição em 1978)
- **S. Manços Apóstolo da Lusitânia**, 1964
- **Bibliografia periódica de António Francisco Barata na imprensa eborense**, com prefácio de Humberto Gabriel Mendes, com 87 páginas e tiragem de 250 exemplares numerados e assinados por Felício José Pássaro, composto e impresso na Gráfica Eborense, Évora, 1965
- **Catálogo Geral Ilustrado de António Francisco Barata**, com Prefácio do Cónego José Augusto Alegria, 85 páginas, composto e impresso na Gráfica Eborense, Évora, 1966
- **Figuras Populares de Évora**,

OS MEIRINHOS DA INQUISIÇÃO DE ÉVORA (1596-1703) - (1)

O tribunal da Inquisição portuguesa, instituição que vigorou entre 1536 e 1821, contava com uma máquina administrativa considerável que punha em marcha todas as diligências processuais necessárias ao seu funcionamento. Estes quadros de indivíduos têm sido alvo de recentes estudos por parte da comunidade académica.

Este trabalho incide sobre um desses postos inquisitoriais – o de meirinho – e na patrimonialização a que este cargo esteve sujeito entre 1596 e 1703, centrando-se no tribunal da cidade de Évora (havia também os de Coimbra, de Lisboa e de Goa). Era comum na sociedade de Antigo Regime determinados ofícios serem legados como bens patrimoniais, e tanto acontecia na Coroa e instituições afins, como nos tribunais da Inquisição.

As funções principais do meirinho situavam-se no pelouro da segurança e da execução da justiça, com implicações no pro-

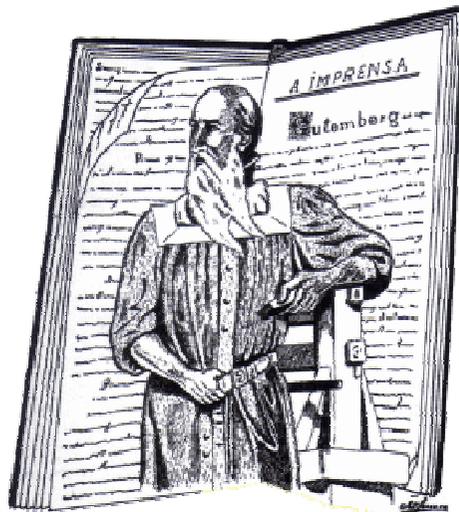
colo e no aparato cerimonial dos tribunais e respectivos agentes inquisitoriais. Era sua obrigação acompanhar os inquisidores em todas as ocasiões que se mostrassem em público e nas deslocações entre as suas casas e o tribunal da Inquisição. Na cidade, quando portador da vara, não podia acompanhar qualquer outra pessoa.

Do ponto de vista da segurança, devia cuidar para que nenhum indivíduo externo entrasse armado nas casas da Inquisição.

A partir de 1640, passou a assistir na sala da Inquisição, assim como no auto público da fé e demais ocorrências em modo de tribunal. No auto da fé assistiria no altar das abjurações e ordenaria – pelo rol que lhe fora previamente distribuído – que os presos estivessem nos locais devidos para ouvirem as suas sentenças. Tratava de os colocar na postura adequada e era sua obrigação tirar-lhes os hábitos,

- 1966 (2.^a ed. 1970, 3.^a 1977, 4.^a 1980 e 5.^a 1984)
- **Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos Séculos XVI a XVII**, com prefácio de Florentino dos Santos Cardoso, 1968
- **Escorço Histórico e Bio-Bibliográfico de Manuel Martinião Marrecas**, com 48 páginas numa tiragem de 200 exemplares e carta-prefácio de Francisco Varela da Costa, Gráfica Eborense, Évora, 1969
- **Cartas dirigidas a António Francisco Barata**, com prefácio de José Maria Neves da Silva Poaires, 128 páginas, composto e impresso na Gráfica Eborense, Évora, 1969
- **Dicionário Histórico e Biográfico de Artistas Amadores e Técnicos Eborenses – 1.º Volume – Letras A a L**, com 126 páginas e prefácio de Antunes da Silva, Évora, 1974 (2.^a edição em 1982)
- **Cartas dirigidas a António Francisco Barata, encontradas nuns códices de Manizola, existentes na Biblioteca Pública de Évora (2.ª Série)**, com 179 páginas, Évora, 1973
- **Dicionário Histórico e Biográfico de Artistas Amadores e Técnicos Eborenses, 2.º Volume – Letras M a Z**, 1976 (2.^a edição em 1983)
- **Duarte Lobo – Sua Vida e Obra**, (Separata do «Dicionário Histórico e Biográfico de Artistas, Amadores e Técnicos radicados em Évora»), 1976
- **Subsídios para a História da**

- Tipografia em Évora nos Séculos XIX e XX**, com prefácio de J. Fernandes Ventura, 1980
- **Dicionário da Toponímia Eborense**, 2 volumes, 1982
- **A olaria eborense (Séculos XIV a XIX)**, com 62 páginas e prefácio de José Fernandes Ventura, Évora, 1984
- **A fabricação de panos de côr e de linho em Évora e seu termo (Século XIV a XIX)**, 1984
- **Achegas para a História do Jornalismo no Distrito de Évora**, com 187 páginas de 240 x 165 e apresentação pelo Padre Sebastião Martins dos Reis, Évora, 1984
- **Subsídios para a História do Futebol em Évora**, 1985
- **Versos dum poeta boémio (Júlio Casinha)**, 1986.



os pudessem pôr em ordem.

Havia três mil placas na biblioteca de Ninive. Cada livro era constituído por numerosas placas, tal como os nossos livros têm numerosas páginas. Era naturalmente impossível cozer as placas de argila umas às outras como fazemos com as páginas de um livro; por isso, tinham de pôr um número e o nome do livro em cada placa.

Um livro sobre a criação do mundo principiava com estas palavras: «Na origem, o que estava por cima das nossas cabeças não se chamava o céu.»

Em cada placa deste livro, aparecia esta frase, seguida pelos números 1, 2, 3, e assim sucessivamente até ao fim do livro. E, além disso, o ex-líbris da biblioteca, como se pode calcular, encontrava-se em todos os livros.

«O palácio de Assurbanípal, rei dos guerreiros, rei dos povos, rei do país da Assíria, a quem o deus Nebo e a deusa Hasmita dotaram com olhar agudo e com ouvido apurado, a fim de poder encontrar as obras dos escritores do seu reino, submetido aos reis aos reis seus antepassados. Em honra de Nebo, deus da razão, reuni estas placas e mandei fazer cópias para que lhes marquem o meu nome e as depositem no meu palácio.»

Encontra-se toda a espécie de livro nesta biblioteca. Há-os sobre as guerras que se travaram entre os Sírios e Lídios, Fenícios e Arménios, sobre os feitos heróicos do gigante Gilgamech e do seu amigo Sabani,

um homem que tinha os chifres recurvados e as patas e a cauda de um touro.

Há também a história da deusa Istar que desceu ao inferno à procura do marido. E a história de um rio que transformou a terra inteira num vasto oceano sem limites.

Em certas noites, quando o rei da Assíria não podia dormir, mandava o escravo à biblioteca buscar livros. Ordenava-lhe que os lesse em voz alta, e o rei esquecia os seus tormentos enquanto ouvia aquelas histórias.

Os Assírios não empregavam a argila só para escrever mas também para imprimir. Faziam selos de pedras preciosas, em forma de cilindro, com desenhos em relevo.

Para fechar um tratado, fazia-se rolar o selo numa placa de argila, e obtinha-se uma impressão nítida do desenho.

É interessante notar que é o método empregado actualmente para imprimir padrões de tecido. Uma máquina impressora, uma rotativa, opera segundo o mesmo princípio: os caracteres estão colocados sobre a circunferência do cilindro.

Muitos contratos, contas e facturas chegam até nós assinados como um selo. Perto do selo encontra-se muitas vezes uma assinatura, uma espécie de impressão feita com a unha de um dedo. É provável que assinassem assim as pessoas que não sabiam escrever.

(in: O Homem e o Livro)

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO

OS LIVROS ETERNOS



Ao viajarem de país para país e de povo para povo, as letras iam fazendo ao mesmo tempo outra viagem, Passavam da pedra para o papiro, do papiro para as placas de cera, da cera para o pergaminho e do pergaminho para o papel.

Do mesmo modo que uma árvore que cresce num terreno arenoso se desenvolve de modo diferente do que se crescesse num terreno pantanoso ou argiloso, assim as letras, ao passarem de uma matéria para outra, mudaram de aspecto. Na pedra, eram rígidas e direitas; no papiro, arredondavam-se; na cera, inclinavam-se como se fossem virgulas; na argila, tomavam a forma de cunhos, de estrelinhas e de ângulos, Mas mesmo quando as

traçavam no pergaminho ou no papel, variavam constantemente de forma, caprichosamente.

À primeira vista, estas linhas parecem escritas com alfabetos diferentes... embora sejam as três em latim, mas escritas em Materiais diferentes e com instrumentos diferentes.

O papel e o lápis, aos quais estamos tão habituados, são invenções recentes. Há uns quinhentos anos, a pasta de um estudante não continha, nem lápis nem pena de metal. Escrevia com um pauzinho pontiagudo numa tabuinha coberta de cera, que pousava nos joelhos.

Não se pode dizer que fosse muito cómodo escrever assim, mas se procurarmos mais longe ainda, nos tempos em que a escrita começa e ainda mal se distingue dos desenhos pré-históricos, verificamos que, nessa época, tornava-se extraordinariamente difícil escrever: Não havia material especial; cada um devia procurar sozinho com que e em que escrever. Faziam-se livros de apontamentos com tudo quanto aparecia à mão: omoplatas de carneiro, pedras, folhas de palmeira, cacos, peles de animais bravios e bocados de cascas de árvore; tudo servia. Qualquer material prestava para traçar desenhos primitivos com um bocado de osso ou de pedra

bicuda.

Durante muito tempo, estes meios primitivos perduraram. Diz-se que Maomé escreveu o Corão em omoplatas de carneiro. Os Gregos, nas suas reuniões públicas, votavam em bocados de cerâmica ou em conchas (ostrak), em vez de escreverem os nomes em folhas de papel, como agora se faz.

Mas, mesmo depois da invenção do papiro, a miséria obrigava muitos escritores a escrever em fragmentos da sua loiça. Conta-se a história de um certo sábio grego que quebrava os pratos e os vasos para escrever um livro.

Sucedeu também que os soldados e funcionários romanos que faziam serviço no Egito, como tivessem falta de papiro, escreviam as suas facturas em cacos.

As folhas de palmeira e a casca de árvore eram muito mais cómodas, porque nelas se podia escrever com agulhas, até à época em que apareceu o papiro.

Na Índia escreviam-se livros inteiros em folhas de palmeira. Aparavam-se as bordas, cotavam-se e coziam-se com um fio. Para se obter um livro rico, as margens eram iluminadas e douradas, mas o livro parecia-se mais com um reposteiro do que com um livro.

Estes livros de osso, de argila ou de folhas de palmeira só se encontram agora nos museus. Mas ainda nos servimos de um velho método: a escrita na pedra.

Um livro de pedra é o que dura mais tempo.

Histórias completas, gravadas nas paredes dos túmulos e dos templos egípcios de há quatro mil anos, chegaram até nós. E nós também gravamos na pedra aquilo que queremos conservar por muito tempo.

Se escrevemos tão pouco na pedra é porque, primeiro, é difícil esculpir letras na pedra dura, e, depois, porque semelhante livro, pesando muitas centenas de quilos, só poderia ser levantado por um guindaste. Ninguém seria capaz de trazer esse livro para casa para o ler, nem poderia mandar uma carta de pedra pelo correio.

Durante muito tempo os homens procuraram uma matéria mais leve e tão duradoura como a pedra.

Experimentaram o bronze, e ainda se encontram chapas de bronze com inscrições que serviram para a decoração de palácios e templos.

Às vezes estas chapas ocupavam a superfície inteira de uma parede, e quando se escrevia nos dois lados suspendiam-nas no tecto por correntes.

Repare o leitor para a porta de bronze da igreja que está reproduzida na gravura. Parece-se com um livro; ali se lê o acordo concluído entre o conde Estêvão e os habitantes da cidade de Blois. Os cidadãos aceitam construir uma muralha em volta do castelo do conde e recebem em traça o direito de cobrar a taxa sobre o vinho.

Há bom tempo que o vinho foi bebido, que quem o bebeu dorme na sua cama, e que os muros do cas-

telo ruíram; porém, o acordo realizado ainda está gravado nos batentes da porta,

Mas os livros de pedra ou de bronze eram pesados e difíceis de transportar. O pior é que se tornava extremamente difícil gravar ou esculpir nestas matérias. Que diria um escritor da actualidade se tivesse de pôr um avental de couro, de se armar com um martelo e um escopro e transformar-se em canteiro?

Para escrever uma página teria de trabalhar todo o dia com o martelo a entalhar as letras.

Não há dúvida de que os meios de que dispomos para escrever são melhores. Verdade seja que o papel não dura muito. Ah! Se existisse uma matéria tão duradoura como a pedra, tão cómoda para escrever como o papel!...

Pois existe!

Os Babilónicos e os Assírios que habitaram o vale do Tigre e do Eufrates, empregaram-na há muito tempo.

Em KujundhiK, nas ruínas da antiga Ninive, um inglês, Leiardnachel (Lee Ward Nashe), descobriu a biblioteca completa do rei Assurbanípal. Era uma estranha biblioteca sem uma única folha de papel, porque os livros eram de argila. Faziam-se placas de argila bastante grandes e espessas e o escriba escrevia com uma haste-zinha triangular. Enterra-

va a haste na argila e retirava-a tão repentinamente, que conseguia traçar uma letra que começava grosso e acabava fininho.

Os Babilónicos e os Assírios escreviam assim muito depressa e enchiam placas inteiras com estas letrinhas triangulares.

Para fazer durar a argila, o escriba dava-a depois ao oleiro. Nos nossos dias, os oleiros não têm qualquer relação com o fabrico dos livros; mas, no tempo dos antigos Assírios, coziam não só os vasos mas também os livros. Estes livros, secos ao sol e cozidos no forno, tornavam-se de tanta duração como a pedra.

Semelhantes livros não ardem num incêndio, não se estragam com a humidade e não são ruídos por ratos e ratazanas. É verdade que se podem partir, mas podem-se apanhar os bocados e juntá-los. Durante muito tempo, os sábios tiveram de trabalhar com bocados de argila descobertos em Ninive, antes que



Um exemplar da antiguidade com escrita cuneiforme.

gerações mais novas, para que estivessem motivadas e preparadas para agricultura, e para as reformas estruturantes que eram necessárias fazer.

As dificuldades da agricultura alentejana são muitas, mas, acima de tudo, sente-se a falta de competitividade e de preparação no mercado nacional e global, com os efeitos dos preços praticados pelos que comercializam os produtos agrícolas. Das grandes casas agrícolas do distrito de Beja são muito poucas aquelas que actualmente existem, cujos factores explicativos são diversos, mas a que não será alheia a falta de capacidade de gestão, de inovação nas suas diversas vertentes, e as ofertas alternativas e mais apelativas no mercado de trabalho para os jovens

Torna-se por isso indispensável criar condições para que venham para a agricultura alentejana empreendedores. Para isso os cursos da Escola Superior Agrária de Beja e de outras escolas agrícolas devem adaptar e melhorar os seus cursos e *cur-*

riculum às reais necessidades da agricultura alentejana, devem fazer parte dos cursos estágios e períodos de trabalho prático na agricultura, de preferência em empresas de média dimensão, que sirvam de escola, onde exista a oportunidade de trabalhar na organização, preparação e gestão das suas actividades económicas, e também financeiras, já que sem a experiência prática e a preparação adequada dificilmente se formam agricultores para enfrentar o presente e criar novos modelos e novas culturas tão necessárias para a agricultura alentejana. O estudo das culturas, das terras, da influência do clima deve ser efectuado em conjunto com entidades empresariais com experiência em Portugal e no estrangeiro, para daí se tirarem conclusões sobre que tipo de culturas devem ser produzidas, em que condições, em que meses do ano (Outono/Inverno, Primavera ou Verão), que tipo de produção intensiva ou diversificada, quais os mercados para escoar a produção, quais os meios e equipamentos necessá-

do Francisco que era um dos melhores trabalhadores de vinha daquela urbe.

O segundo meirinho deste enredo, não tendo descendência familiar masculina, nomeou a sua filha como proprietária do ofício de meirinho. Esta não o podendo exercer, por ser mulher, ficaria com um dote mais avultado. Acordado o casamento foi escolhido para noivo João Rodrigues Tenreiro, membro da nobreza local da vila de Mourão, e a cerimónia matrimonial foi celebrada a 26 de Outubro de 1658. Faleceu no final do ano de 1664 também não deixando descendência masculina. Quando morreu tinha duas filhas menores – Catarina e Josefa. A primeira morreu ainda em criança e para a segunda acordou-se casamento com José Rodrigues Galego Tenreiro.

José Tenreiro era natural de Évora e filho de um familiar do Santo Ofício, outro dos postos da hierarquia inquisitorial, o que denota a procura de patamares sociais semelhantes para estes matrimónios. Casaram em 1677 e tiveram dois filhos: Laurência e Jorge. Falecido o pai, Jorge, ainda que não fosse primogénito era

homem, foi escolhido para suceder ao seu pai no cargo de meirinho.

Jorge Tenreiro Souto Maior nunca chegou a casar e em 1699 ocupou o posto de meirinho. No entanto, em 1703 cometeu o homicídio de Brás de Mira e foi condenado à pena capital e banido pelo Tribunal da Relação de Lisboa. Perante este acontecimento, esta família que desde 1596 detinha a propriedade deste posto, perdeu este bem patrimonial, levando a que o inquisidor-geral a atribuisse a outros indivíduos.

Évora cidade-sede de tribunal inquisitorial aglutinava, deste modo, pessoas de várias partes do Reino que para ali transferiam as suas residências, para desenvolverem cargos nesta instituição de prestígio na sociedade do Antigo Regime.

(1) – Texto desenvolvido no âmbito do projecto: PTDC/HIS-HIS/118227/2010 – *Grupos intermédios em Portugal e no Império Português: as familiaturas do Santo Ofício (c. 1570-1773)*.

DEMASIADO GRAVE PARA DEIXAR ESQUECER

Guilherme Alves Coelho

Tornou-se chocantemente óbvio que a nossa tecnologia excedeu a nossa humanidade.

Albert Einstein.

Em números anteriores da revista tenho procurado estabelecer uma distinção entre as causas naturais das catástrofes e as resultantes da intervenção dos humanos sobre a natureza. Referi ter-se chegado a um ponto de oportunismo inqualificável, em que alguns se aproveitam das catástrofes para delas tirar proveito pessoal. Transmiti suspeitas de haver por detrás de algumas catástrofes já não apenas um aproveitamento, mas mesmo uma intencionalidade criminosa, “para alargar o mercado e criar novas oportunidades de negócio”. Algumas catástrofes poderiam ter sido provocadas. Procurei ainda alertar para o perigo de determinados empreendimentos de alta periculosidade estarem entregues a empresas privadas que negligenciam a manutenção, pondo em risco a vida de muitas pessoas. Citei como exemplo o caso da central nuclear de Fukushima, no Japão, que explodiu há mais de um ano e ainda hoje provoca sérios danos não só para os japoneses como para o mundo.

Pensei que estaria tudo dito sobre a matéria e poderia encerrar



definitivamente o tema. A leitura de um importantíssimo livro de uma jornalista norte-americana de nome Naomi Klein, veio lançar novas achas para uma fogueira já de si tão devastadora que parecia impensável poderem aumentar. No entanto é o que ela mostra no livro “*A doutrina do choque – capitalismo de desastre*”, publicado em 2009. Nele se confirma a ideia de que as catástrofes, tal como as crises económicas, as guerras, a destruição e o caos, poderiam estar a ser uma prática intencional destinada a criar condições para a criação, já não tanto de determinados empreendimentos isolados e oportunistas, como tenho referido, mas fazendo parte de uma estratégia global de avanço do próprio capitalismo ou, pelo menos, um determinado tipo de capitalismo, pela autora denominado “capitalismo de desastre”. Como exemplo cita o

ras de barro de todo o perímetro de Beja, e regadio em alguns concelhos limítrofes – e outras terras mais pobres, caso de toda a zona do campo branco, onde o modelo de produção terá de ser alterado e recriado. A produção vem caindo de ano para ano, sem que se vislumbrem alternativas ao modelo agrícola desde há décadas existente no Alentejo, ou seja, desde o Estado Novo, quando a mão-de-obra disponível era abundante, barata e à jorna, sem restrições de exigências salariais ou sociais, e o escoamento da produção estava assegurada, noutros tempos, quando as grandes casas agrícolas proliferavam em todo o Alentejo. Com a emigração de parte da mão-de-obra na década de 1960, houve a necessidade de alguma mecanização na agricultura, tendo-se assistido a algum desenvolvimento pela introdução e alteração dos meios de produção, que geraram um aumento da produtividade; mas o modelo agrícola pouco evoluiu, continuando assente no modelo extensivo e de sequeiro, onde o

escoamento da produção continuava assegurado.

Com o 25 de Abril e as alterações das condições salariais até então praticadas, a obrigatoriedade de suportarem encargos sociais com os trabalhadores agrícolas, aumentando os custos de produção e, posteriormente, a chegada da chamada reforma da Política Agrícola Comum, quando a agricultura alentejana deixou de ter assegurada a produção a preços rentáveis e passou a ter de se confrontar com os preços de mercado e com a diminuição dos apoios europeus ao nível dos subsídios atribuídos nos primeiros anos, as dificuldades começaram a aparecer e muitas das explorações reduziram a sua actividade, enquanto outras deixaram de produzir. Tendo também contribuído para isso os incentivos dados pela PAC – Política Agrícola Comum – para o abandono de determinado tipo de actividades, também a idade avançada dos agricultores, sem que simultaneamente fossem criadas políticas para atrair as

AGRICULTURA ALENTEJANA 2013



Existe uma crise endémica aguda no modelo de agricultura alentejana – extensiva e de sequeiro – há décadas praticada no Alentejo, cujo modelo de organização, exploração e gestão estão completamente ultrapassados, sem futuro e muito dependente de diversos factores, tais como: elevados custos de exploração, directos e indirectos; falta de valor acrescentado; pouca produtividade; dependência do clima e dos subsídios; pouca diversificação da produção e, principalmente, falta de criatividade e de inovação na exploração de novos modelos de exploração da terra e de novas culturas, que possam gerar sustentabilidade futura para os empresários agrícolas e para o Alentejo.

Os subsídios atribuídos à agricultura e ao mundo rural, desde os anos oitenta, não foram

entendidos pela grande parte dos agricultores como ajudas estruturantes para a criação de infra-estruturas e reformulação do modelo da agricultura. Os apoios em subsídios à produção de cereais, produção de ovinos e bovinos e à obtenção de equipamentos agrícolas foram por muitos agricultores utilizados incorretamente; por vezes vieram contribuir para o aumento do seu endividamento e para o desequilíbrio financeiro das suas actividades, em muitas situações, para a inviabilidade das suas explorações. Com a redução dos subsídios, de ano para ano assistimos ao agudizar da agricultura alentejana, em todo o Baixo Alentejo, apesar de nesta província alentejana termos terras de excelente qualidade e muito produtivas – caso das ter-

comentário de um empresário de uma firma de segurança no Iraque após a invasão deste país pelos E.U.A..

“Para nós o medo e a desordem ofereciam grandes promessas”. O ex operativo da CIA, de 34 anos, estava a referir-se a como o caos no Iraque, após a invasão, tinha ajudado a sua desconhecida e inexperiente firma de segurança privada, a Custer Battles, a sacar cerca de 100 milhões de dólares em contratos ao governo federal. As suas palavras poderiam ser usadas como slogan para o capitalismo contemporâneo – “o medo e a desordem são os catalizadores de cada novo salto em frente.”

Esta nova forma de capitalismo em vigor, é tão aberrante que a jornalista recusa mesmo a designação de capitalismo para o sistema que está a denunciar e que representa, de certo modo, a derrota do capitalismo produtivo tradicional tal como era conhecido até há pouco.

(...) Um termo mais preciso para descrever o sistema que apaga as fronteiras entre o Grande Governo e os Grandes Negócios é corporativista, não é liberal, conservador ou capitalista. As suas principais características são enormes transferências de riqueza pública para mãos privadas, muitas vezes acompanhadas por uma explosão de dívidas, um abismo que não pára de se alargar entre os ricos deslumbrantes e os pobres descartáveis, e um nacionalismo agressivo que justifica gastos ilimitados com a segurança.

Mas devido às claras desvantagens para a vasta maioria da população deixada de fora da bolha, outras características do Estado corporativo tendem a incluir a vigilância agressiva (mais uma vez com o governo e as grandes corporações a trocarem favores e contratos), encarceramentos em massa, liberdades civis cada vez mais diminutas, e muitas vezes, embora nem sempre, tortura.”

Segundo a autora, a pretexto da liberalização do mercado, isto é, do livre comércio entre as nações, os boys ou neocons da escola de Chicago apenas pretenderam anular as regras que, mal ou bem, sustinham o capitalismo de resvalar para uma fase selvagem, a actual. Desta forma abriram as comportas e a avalanche de oportunismo e selvajaria rebentou pelo mundo fora através de fórmulas até então consideradas fraudulentas. Permitiram aquilo que, secretamente, eram os seus três objectivos principais: privatizar os bens dos Estados, retirar direitos aos trabalhadores e especular livremente. Isso permitiu a uma minoria poderosíssima arrecadar tão chorudos lucros como nenhuma vez na história tinha sido possível. E isso enquanto a imensa maioria da humanidade sofria a maior miséria ou a morte por subnutrição. Mas esta gente é insaciável. Ameaçam indiscriminadamente todos aqueles que ousem fazer-lhes frente. Nem que para isso tenham de recorrer a métodos que podem pôr em perigo a própria vida na terra.

Neste início de milénio a humanidade encontra-se numa encruzilhada perigosa. Está confrontada com o seguinte dilema: ou deixar perigosas tecnologias capazes de dizimar a humanidade nas mãos de alguns idiotas fanáticos e irresponsáveis, mas extremamente poderosos, ou cortar o mal pela raiz, isto é, com este sistema.

A todos nós esta causa diz respeito. O que aqui se descreve não se aplica apenas a um qualquer lugar lá nos confins da terra. De acordo com esta perspectiva, o que estamos passando é apenas mais uma dessas catástrofes que esse grupo anda a tramar pelo mundo fora.

Ainda sobre Fukushima. Três notícias de última hora

Notícias de recentes revelam que as instalações ainda existentes estão a afundar-se no solo perigosamente, correndo o risco de desabarem a qualquer momento e mergulharem no mar. Tal constituiria uma catástrofe de tal ordem que não só o Japão seria afectado, mas todo o mundo.

"A precária situação da instalação nuclear japonesa de Fukushima Daiichi continua a agravar-se, de acordo com um importante funcionário japonês.

Durante uma entrevista recente, Mitsuhei Murata, ex-embaixador do Japão para a Suíça e Senegal, disse que o terreno sobre o qual fica a unidade 4 está-se afundando e

que toda a estrutura poderia estar à beira de um colapso. O Bloco 4 tem actualmente mais de 1.500 barras de combustível nuclear gasto e um total de 37 milhões de curies de radiação mortal que, se libertados, poderiam deixar a maior parte do mundo completamente inabitável." (Ameaça de uma catástrofe nuclear em Fukushima, Cubadebate, 17 de Outubro de 2012.)

Notícias censuradas nos E.U.A. provenientes da costa oeste relatam a presença de radioactividade em algumas destas zonas costeiras que já teria provocado 14 000 mortes.

"As consequências da catástrofe nuclear de Fukushima 2011 são maiores do que as reconhecidas, na medida em que os cientistas estimam em 14 mil as mortes nos Estados Unidos por causa da precipitação radioactiva do Japão, de acordo com um relatório de Dezembro 2011 da Revista Internacional de Serviços de Saúde." (Notícia censurada nº 3: A precipitação de Fukushima" Cubadebate, 28 de Outubro de 2012)

Outras notícias revelam que, embora os responsáveis tentem minimizar os perigos, as instalações continuam a derramar constantemente líquido radioactivo para o mar provocando a contaminação dos peixes na costa do Japão, estando mesmo em causa a sua captura.

A Tokyo Electric Power Co. (TEPCO), disse a jornalistas nesta sexta-feira, o que não pode confirmar-se, que a radiação tinha parado



Aspecto da central de Fukushima após o maremoto ocorrido em 11 de Março de 2011. Imagem extraída da Internet.

de vazar da central nuclear atingida por um terramoto e tsunami em Março de 2011. Disseram ainda que os níveis de radiação na água e no fundo do mar ao redor da central estavam diminuindo. Um recente artigo na revista académica Science revelou que 40 por cento das espécies que habitam o fundo marinho na área mostram níveis de céσιο-134 e 137 que ainda são mais elevados do que o normal. ("Os donos da central de Fukushima podem estar lançando radiação no mar". Rússia Today, 26 de Outubro de 2012).

Lembra-se que as causas naturais de toda esta tragédia na central nuclear de Fukushima no Japão no ano passado, foram um terramoto seguido de tsunami que

invadiu e destruiu as instalações. Porém as causas mais prováveis para a amplitude que atingiu o desastre tem sido imputada à localização imprópria do complexo, construído à beira mar, ao inadequado projecto de segurança e à negligência na manutenção dos equipamentos completamente obsoletos, que são propriedade de uma empresa privada norte-americana.

Nunca é demais repetir: há empreendimentos que, pelo seu risco, não podem ser entregues à iniciativa privada e resumir-se a uma mera oportunidade de negócio, onde o máximo lucro se sobrepõe a tudo, incluindo a vida de milhares de pessoas, ou mesmo milhões.

2012-11-22

até à sovinice.

Normalmente, as “assêfas” começavam pela aveia, depois o centeio, a cevada e por fim o trigo.

Era um trabalho árduo! Feito de sol a sol, debaixo de um calor tórrido, desempenhado corajosamente, encharcava-lhes o corpo de suor e, eles, com ansiedade, esperavam, de quando em vez, a vasilha de água que emborcavam com sofreguidão, para se dessedentarem. Mesmo assim com o sol em brasa, algum dos mais afoitos interrompia o trabalho, erguia a cabeça e, com voz vibrante, desabafava:

Fui ao livro do destino,
Minha sorte procurar.
Em todas as folhas li,
Que nasci p’ra trabalhar.

Chegados ao pôr-do-sol desapareciam do trabalho e, se as noites estivessem quentes, estendiam uma manta sobre o restolho e ali mesmo se entregavam a Deus para que lhes desse um santa noite e forças para o dia seguinte.

Concluídas as “assêfas”, faziam as contas. Desta vez, o manageiro oferecia uma boa pinga, cujo efeito se notava na algazarra que alvorçava os montes por meio de cantos,

choros, gritos, agradecimentos e vivas.

No dia seguinte, tocava a reunir e faziam-se ao caminho do regresso. Chegados a casa, tinham caloroso acolhimento, sendo recebidos com gritos de júbilo e lágrimas de saudade.

As minhas raízes ruralista e campesina de que me orgulho e nunca esquecerei, levaram-me com este pequeno texto, a perpetuar o trabalho destes homens “d’uma cana” (6) que, de pé firme e mão vigorosa, ceifavam o pão que nos matava a fome.

Milheiras Cortiço

(1) – as ceifas • (2) – Ranchos •
(3) – Sol • (4) – Barriga cheia • (5) –
Escuro • (6) – Rijos

rios para trabalhar, quais os investimentos a fazer e os recursos financeiros para os financiar.

Todavia, há uma certeza: a agricultura tradicional nos moldes em que era praticada no Alentejo morreu e não vai voltar.

Agora a realidade agrícola sustentável tem de atender a outras vertentes, a uma maior especialização com dimensão económica, à diversificação, que passará por investimentos ligados às características dos solos, à sua qualidade e aptidão para determinadas culturas, à localização dos mesmos, e, a partir deles, elaborar projectos diversificados, cereais, oleaginosas, rações para a produção gado, regadio nas suas diversas vertentes, a vinha, a produção de azeite, a gastronomia, a criação de gado bovino, ovino, caprino, caça, pesca, etc. Qualquer des-

tes sistemas de produção, além de recursos humanos técnicos, terá de ter uma direcção com manifesta capacidade de gestão, não só operacional como estratégica, conhecedora dos mercados, e da clientela, sendo que a actividade terá de ter uma elevada componente de mecanização; a produção intensiva e extensiva deverá ser aproveitada e rentabilizada, necessitando em qualquer destes sistemas de produção de valores importantes em investimento, tanto ao nível do investimento nos activos fixos, como no activo circulante, com fundos de maneio necessários e suficientes para os respectivos ciclos de produção.

Nesta perspectiva, a produção agrícola alentejana terá futuro.

*Francisco M. Constantino
Pinto*



TIO ANTÓNIO DA PASSAGEM

.....

Das minhas vindas aos Açores, mais propriamente a esta ilha do Faial, entre as várias histórias que tenho na minha memória recente, saliento veementemente os encontros de convívio espontâneo onde havia lugar para o cante e o reviver de alguns retalhos da vida.

António da Passagem foi sem dúvida dos contactos que mais me terão marcado pelo insólito das situações partilhadas. Este homem de carácter expansivo, que irradiava energia positiva, conseguia transmitir boa disposição a todos os que passavam no seu caminho.

Certo dia, estando com ele na sua adega na Fajã da Praia do Norte, em convívio fraterno entre açorianos e alentejanos, cantavam-se modas alentejanas e açorianas, onde não faltou o bom pão e o bom vinho por ele feito, alimentando-se assim o corpo e o espírito.

A propósito do bom pão, contou o ti António que, no século XIX, partiram para uma ilha no Pacífico, no Havai, alentejanos e açorianos; e aí deixaram marcas culturais que ainda hoje perduram como sendo o fabrico do pão à moda do Alentejo e os fornos de cal branca. Estes alentejanos descobriram mais tarde uma terra: a Califórnia. Para aí foram, que se assemelhava ao seu Alentejo pela extensão da planície e da cor amarela do trigo. No seu alforge transportaram os sabores e os saberes

da sua cultura. Como o ti António passou alguns anos da sua vida na Califórnia, aí conviveu com essa comunidade e bebeu dessa cultura.

À medida que o cante se elevava, mais a sensibilidade deste homem se manifestava através do olhar enternecido; e, em dado momento, lembrou a história do vulcão de Cabeço Fogo (1672) em que a lava circundou o lugar onde pastoreava o touro da Fajã, que ficou ileso para ser abatido para o bodo do Espírito Santo.

Na sequência da conversa lembrou o ti António uma história recente de um outro touro pertencente ao seu filho Eduardo, que baptizou de Mestre Marradas. Este touro tinha uma forte ligação ao seu dono, sendo o guardião das vacas no mato.

Eduardo sofria de doença crónica, conhecida já há alguns anos, o que motivava alguma apreensão e inquietação no seu ambiente familiar. Eis que um dia o sol já ia alto e Eduardo, que tinha ido para as vacas, não havia meio de aparecer.

O ti António manifestou preocupação e meteu-se a caminho. Quando chegou perto do local onde estavam os animais, viu o Mestre Marradas imobilizado junto do corpo de Eduardo que já sem vida jazia na terra. Mestre Marradas estava junto de seu dono, gemendo. Diz o ti António: «não sei que sentia, mas sei que sofria, até me parecia que

para os montes de acolhimento, só descansando para consolar o estômago com bocados de broa e vinho envinagrado.

Ao passarem pelas Galveias (minha terra), formavam colunas ao descenderem a estrada macadamizada até ao alto da Azinhaga de Avis, embrenhando-se depois por caminhos de pé posto. Por vezes, surgiam alguns cachopos mais atrevidos que, com o intuito de os ridicularizar, diziam:

– Ratinhos da Bêra,
Cómim pão e dêxam a farrenhêra!

e
– Ó ratinhos, rátim o pão,
Rátim o quêjo e o focinho do mêcão!

Eles, serenos, não lhes ligavam ou, a rir, respondiam-lhes:

– Olhem que não!
Comemos a farrenhêra e dêxamos o pão!

e
– Somos ratinhos, ratamos o pão e o quêjo,

E às meninas, pedimos um bêjo.

Chegados aos montes, ocupavam as camaratas que lhes estavam destinadas, arrumavam os sacos com os poucos haveres que traziam e, enquanto descansavam, esperavam pela papaça a que ferravam o dente para enfiar na tripa. Alguns dos mais velhos garganteavam lamentações sobre o raio da vida que lhes coubera.

Assim que o sacristão do céu acendia as primeiras estrelas, iam deitar-se em cima de esteiras de bunho e, cansados, dormiam a sono solto. No dia seguinte, antes do Ti Manel⁽³⁾ nascer, estavam preparados para enregar a safra.

Habitualmente, os ratinhos comiam e bebiam por conta dos lavradores à “boca livre”⁽⁴⁾, cujos comeres, substanciais, à base de feijão frade, feijão catarino, grão, batatas, sopas de pão “todo um”⁽⁵⁾ e bóias de toucinho e enchidos de porco, eram levados por um criado da lavoura designado por mantieiro. Sendo assim, recebiam pouco dinheiro que forravam para governo da família. Porém, a maior parte das “camaradas” trabalhava a seco, isto é, só por dinheiro, sendo responsável pela sua fraca manutenção, não abdicando cada um dos seus membros, de poupar, poupar, chegando

MIGRAÇÕES

OS RATINHOS



As ceifas no Alentejo. Imagem de marca de um restaurante típico alentejano da cidade de Aveiro.

Migrações eram deslocções de gentes dos seus locais de origem para outros, à procura de melhores proventos para desafogo da sua vida.

Hoje, lembrei-me de ir ao encontro dos ratinhos, trabalhadores rurais, vindos das Beiras, que demandavam a minha região na época das “assêfas”(1), período que abrangia sobretudo os meses de Junho, Julho e Agosto, no tempo em que os campos se doiravam de espigas e o Alentejo se intitulava o “celeiro de Portugal”.

Lembro-me muito bem de os ver nas décadas de quarenta e cinquenta do século passado, formando “camaradas”(2) que se distribuíam pelas herdades dos grandes latifundiários, conforme já fora combinado, antecipadamente, entre aqueles e o respectivo manageiro, seu representante. Eram homens simples, laboriosos, humildes, francos, fraternos, pobres de bens materiais, mas ricos de valores éticos e comportamentais. Viajavam de comboio até Ponte de Sor e, se o contrato não se formalizara com transporte, iam a pé

estava chorando...»

Esta história verdadeira deixou-me emocionado, sobretudo porque acompanhei de perto o Eduardo na sua doença.

O Cante continuou em toda a sua plenitude e com maior intensidade dedicado à eterna reflexão sobre a vida e a morte e em consonância cantou-se:

*Quem inventou a partida
Não sabia o que era amar;
Quem parte, parte sem vida,
Quem fica... fica a chorar...*

O tio António, comovido, comentou: «que doçura! Que doçura!»

Agora que o Tio António também partiu, deixou-nos com emoção e saudade e reconhecidos por nos ter ensinado uma tão extraordinária forma de ser e de estar na vida.

Bem haja pela dádiva que deixa perpetuada na humanidade.

O Pão da Alma

O equinócio da Primavera, às 00:07, com a ajuda da morfina, anunciava-lhe algum sossego. Aproximava-se a *passagem* do tio António da Passagem. Até então, o sofrimento era atroz, o corpo a inchar com o soro que lhe injectavam sem que ele pudesse eliminar o que não precisava, e sem que ao menos pudesse dizer: «Parem com isso! Deixem-me fazer a viagem para o além em paz!» Que momentos cruéis esses em que já não poderíamos ter o controlo de nós!

A pouco e pouco foi-se aproximando o fim.

Foi um dia bonito para morrer, o primeiro da Primavera. As azedas pintam a paisagem de amarelo. Há raminhos novos de verde tenro nos arbustos e o chão está cheio de minúsculas flores que humildemente nos servem de tapete.

Muitas lembranças me vêm à cabeça nesta altura em que o meu ser ainda está anestesiado com esta perda. Mas todas elas são de folia. O tio António fez da vida uma autêntica folia. Não sei a mola interior que o movia, mas a verdade é que ele fazia rir toda a gente, contando histórias divertidas, tocando a sua viola da terra, cantando e dançando ao mesmo tempo.

Uma tarde na Fajã...

Era de pasmo essa tarde outonal, com vestido de verdes e ocres a raiar o rubro xaile de suaves pinceladas. A calma fundia todos os elementos numa sedução hipnótica.

– Olha o carro do tio António! Eles estão na vinha!

À medida que o carro abrandava, viam-se a tia Maria e o tio António a levantar os braços no meio dos barços de videiras, num terreno acidentado de recantos basálticos. Esperava-nos um balde repleto de arcaças vermelhos e amarelos e outro cheio de uva.

– Ó Francisco, vai lá ao fundo apanhar uva – pediu o tio António. – Temos que ir depressa, senão fica de noite e a adega não tem luz, só a vela!

– Desta vez vai haver cantoria!

Olhe que veio a viola! – informou o Francisco, afastando-se.

– Eu já não toco nada. Mesmo nunca toquei mais do que a chamarita – respondeu o tio António.

– Vamos a ela! Vamos a ela! – ouvia-se enquanto todos se metiam nos carros para rumar à adega.

Na rua de S. Martinho, nome bem sugestivo, ficava a adega. De construção de pedra, feita pelo tio António, porta e janela muito pequenas, tinha uma enfiada de pipas gorduchas do lado esquerdo e, no meio, uma mesa ladeada de bancos corridos de madeira. Um cantinho do céu, seguramente, debaixo de uma rocha em parte alcantilada, em parte arborizada, onde o cair da tarde ia a pouco e pouco avermelhando até tingir de sombra.

A comida foi sendo posta em cima da mesa. O tio António interrompeu, num gesto de admiração:

– Com todos os diabos! O que eles p'ra aqui trazem!

– Não era preciso ter trazido pratos de papel! Há de tudo aqui! – conjecturou a tia Maria.

– Vamos provar o vinho novo! – E o tio António botava o vinho novo no canjirão, enquanto havia vozes a pedir: – Eu quero na tigela!

A tia Maria entretanto brunia sabiamente as tigelas de barro de S. Miguel.

– É bom, mas ainda está um bocadinho áspero. Vamos ao velho para não fazer mal – explicava o Zé, na sua missão de médico. – Pode fazer diarreia.

Já com a barriga cheia, os cora-

ções em brasa, começaram as modas alentejanas a saltar das gargantas. Brotavam à ventura como um barco de vela à solta. O tempo foi passando, no fluir harmonioso das melodias.

Os olhos da tia Maria sorriam docemente:

– Eu ficava aqui a noite toda a ouvir... Quando dá música alentejana no *talavejo*, eu ponho logo mais alto.

O tio António comentava com êxtases de embevecimento as vozes, notando-se-lhe uma grande sensibilidade ao alto.

A noite caiu sem se dar por ela. E as modas caíam da cascata memorial em caudal denso e intenso com o brilho e a limpidez do cristal. A torrente só foi interrompida para se cantar algumas canções açorianas como a Lira, Rema e Olhos Negros.

Nesta altura, já a tia Maria tinha acendido uma vela, cujo castiçal era o gargalo de uma garrafa verde vazia de briol. Nem a brisa toava à beira-mar, apesar do mar cadenciar ondas de alvura na praia. De vez em quando, apenas uns dedos apiloavam amendoins.

Do silêncio da noite, o tio António recordava o Eduardo, o filho de quarenta e seis anos ceifado à vida dois meses antes. Entre lágrimas gordas de comoção – Desculpem, mas ele era meu filho! – contava:

– Ele tinha o dom de falar com os animais e eles obedeciam-lhe...

Pela minha memória passavam cenas com o Eduardo: as brincadei-

ras de infância à volta da adega, a viola da terra que tão bem tocava, a epidemia dos coelhos...

A porta da adega entreaberta deixava ver os malmequeres muito brancos no meio do lusco-fusco do crescente lunar. Pareciam pirilampus a desafiar a noite. Ao fundo, avistava-se a brancura do orgasmo marinho.

Chegou a hora da partida...

E agora, que sabemos nunca mais ter o pão da alma que o tio António nos dava?!...

Um dia, quem sabe, talvez volte-mos a tanger a viola e a bailar a chamarita numa qualquer galáxia. Talvez! Quem sabe?!...Até lá, continue folião, folgazão, em permanente animação.

António da Passagem – Homem folião

António da Passagem, nosso querido irmão! Lembramos agora com saudade os bons momentos que nos foram proporcionados naquela adega da Fajã, onde convivemos com a alma de quem quer estar na harmonia do usufruir. Foi cúmplice. Não havia diferenças, todos eram irmãos no sentir, no estar por gosto, no partilhar dos afectos, nas canções (das muitas que cantámos), no vinho, esse vinho feito com tanto sabor de amor que nós bebíamos como se fosse, e era, de dádiva, os petiscos que a tia Maria sempre tinha para nos compensar com a sua fraterna complacência.

Bem hajam, queridos amigos, por aqui os poderemos recordar com o sentir da/o Passagem.

António da Passagem, homem folião, dos que deixam nome por ter animado com marcada presença, que agora se recorda, as Festas do Divino Espírito Santo, na sua Irmandade da Praia do Norte. Ainda tivemos a felicidade de o ouvir nas últimas Sopas do Espírito Santo que partilhámos no Império da irmandade do Espírito Santo da Praia do Norte, da responsabilidade da filha Maria Eduarda, genro Elias e netos Estêvão, Ricardo e Cristina. Como nos sentimos envolvidos e fascinados pela dinâmica que o tio António da Passagem, homem folião, dava à folia e nos movimentava até ao êxtase! Bem hajam, queridos amigos, por nos terem ofertado essa última oportunidade!

António da Passagem, homem de bem dispor, tinha sempre uma escapada palavra de boa disposição para os que o rodeavam, até mesmo nas suas horas de grande desgaste, provocadas pela doença que agora lhe impôs a passagem para outro estádio. Bem haja, querido amigo e tio, por nos ter mostrado o sabor da sua providencial companhia.

*J. Simão Miranda; Maria E. Rosa;
J. Francisco Pereira*

A Forcadagem

Forcados amadores de Monsaraz



Começo esta crónica com as palavras com que encerrei um colóquio «Sobre o toiro de lide e a evolução da pega». Realizou-se na tarde de 23 de Julho de 2004, na Igreja de Santiago, no mesmo dia, dia tórrido de 40 graus, em que se estreou o Grupo de Forcados Amadores de Monsaraz, às 22 horas, numa praça desmontável instalada no campo de futebol do Telheiro. No castelo actuava, também nessa noite, o Bernardo Sassetti que a morte, tão prematura, levou em 10 de Maio de 2012. A música, a sua arte, ficarão para sempre.

Tantas coincidências numa mesma data!!! O mundo está cheio delas. O que temos é de saber procurá-las... O final da minha palestra acabou assim: «Nestes campos de Monsaraz pasta uma ganadaria brava. No seu castelo continuam a realizar-se espectáculos de toiros. Hoje estreia-se o seu Grupo de Forcados. Há tradições que mantêm viva a paixão pela “Fiesta”, neste recanto do Alentejo, crestado, profundo, mas cheio de encantos. Por estes montes, onde os nossos antepassados deixaram marcas profundas, que atestam, de forma clara, o seu remoto povoamento, andou o poeta e escritor Miguel Torga que, em 31 de Maio de 1986 escreveu, nos seus “Diários”, um poema dedicado ao menir do Outeiro:

«Salve, falo sagrado, / Erecto na planura / Ajoelhada! / Quente e alada / Tesura / De granito, /

AVIFAUNA

A Cotovia



Cotovia comum (*Lullula arborea*)

1. ‘Cotovia’ é uma designação genérica dada a diversas espécies destas aves que, para efeitos de classificação, foram agrupadas na família ‘Alaudidae’, que integra, por exemplo, as calhandras

A cotovia é uma ave pequena, com um comprimento médio entre os 15 cm e os 18 cm, de cor bastante uniforme, sobretudo o castanho, com estrias escuras no dorso e ventre um pouco mais claro. A cabeça exibe um pequeno tufo, a cauda é alongada e em cujas bordas sobressaem duas linhas brancas. Nas patas possuem uma unha mais com-

prida e recta no dedo posterior.

Encontra-se na Europa, Ásia e Norte de África, sendo que as que vivem em regiões mais setentrionais ou mais a oriente têm movimentos migratórios em direcção ao sul, no inverno.

Os sexos são, de um modo geral, semelhantes. Habitam preferencialmente terreno aberto, em terras lavradas e baldios, alimentando-se de sementes e insectos e nidificando no solo, onde põem de 3 a 5 ovos, incubados pela fêmea durante 12 a 13 dias.

As cotovias têm um voo ondulante, com descidas bruscas seguidas de ascensões lentas. São conhecidas pelo seu canto característico, em regra durante voos prolongados, a grande altura. É um canto muito belo, que se assemelha ao do rouxinol, durando com frequência vários minutos. Os machos costumam cantar descrevendo círculos, elevando-se quase a perder de vista, reduzidos a pequenos pontos no céu. No chão são, porém, difíceis de distinguir, devido ao dorso acastanhado que se confunde com o meio envol-



A cotovia montesina (*Galerida theklae*)

vente.

2. Atentas as diversas espécies existentes, dedicamos umas breves palavras a duas delas, muito frequentes no nosso País e, em especial, no Alentejo – a cotovia-comum (também chamada de cotovia-arbórea ou cotovia-pequena) e a cotovia-montesina.

2.1 A cotovia-comum (*Iullula arbórea*)

Com um comprimento de cerca de 15 cm, possui uma crista curta,

habitualmente não levantada (e, por isso, não visível), e uma lista supra-ciliar clara que quase se une à nuca. Uma sua característica é uma mancha escura, rodeada por um castanho esbranquiçado, na parte superior da orla dianteira da asa. De voo ondulante, empoleira-se com frequência em árvores e arbustos, mas alimenta-se no solo. O seu canto, ouvido sobretudo de manhã cedo e à noite, traduz-se numa sequência de notas melodiosas, com um som maravilhoso, que começa tímido, acelerando e aumentando de intensidade à medida que as notas se tornam mais graves. Este canto é frequentemente proferido em voo,

com valores elevados juntam-se a rótulos bem mais baratos como o chileno Casillero del Diablo. Gostos à parte, a maioria das lojas do mercado municipal contam com uma ampla oferta de vinhos.



Seus restaurantes homenageiam as principais colónias de imigrantes, ais como italiana, japonesa, espanhola, árabe, portuguesa, entre outras.

E por falar em colónia portuguesa, quero destacar aqui a **Gastronomia Alentejana** com o seu cardápio variado e rico, tão apreciado pelos brasileiros.

O Alentejo é a região que pratica uma cozinha original e diferente e que, como destino turístico, é difícil de igualar. Muitas são as opções para apreciar as riquezas gastronómicas alentejanas, em tascas e restaurantes de óptima qualidade.

Para bem conhecer uma cidade é importante visitar os seus mercados. É uma oportunidade a

mais para identificar muitos produtos nacionais e estrangeiros, que só visualizamos nas representações artísticas expostas nos museus, nas galerias do mundo inteiro.

Presto aqui uma homenagem ao Mercado Central Paulistano que, ao longo de muitos anos, vem servindo a população e trabalhando para manter a saúde e a qualidade de vida das pessoas, cultivando a cultura e preservando o seu património histórico.

Sónia M. P. Silva & Maria L. F. Braga

va a moda na Itália, Alemanha e França. O prédio é inspirado nos mercados, catedrais e estações ferroviárias europeias. A abóbada na entrada principal é típica", explica Gonçalves. Suas colunas são em estilo grego, dórico e jônico. Já os 72 vitrais alemães, em estilo gótico, ilustram a produção agrícola e pecuária do interior paulista, especialmente a colheita do café.

Tomar um simples café da manhã no Mercado pode ser uma experiência incrível. Ao chegar já é possível notar como as cores, cheiros e sabores criam uma atmosfera única nos 12.600 metros quadrados que contemplam esta imensa feira diária.

Uma variedade de frutas, carnes, sementes, queijos, peixes e especiarias raras, como figo da Índia, pistacho iraniano, caviar, trutas brancas, flores de sal e favas de baunilha. É claro que esta variedade se faz presente também nos queijos. Os laticínios Pirâmide são uma das lojas que deixam isso bem visível, com um imenso queijo provolone de quase dois metros de altura

na entrada. Aqui é possível encontrar desde os essenciais parmesão, prato e mussarela, como também os finos Rembrandt da Holanda, o Brie da França, o Manchego da Espanha e o Serra da Estrela de Portugal.

Temperos de várias partes do mundo também podem ser encontrados. Sua próxima parada pode ser uma das lojas dedicadas exclusivamente a especiarias, que vende desde condimentos como cavalinha, orégão chileno, chili em pó e alho frito, além de uma infinidade de espécies de açafrão, como também pimentas, ervas e corantes naturais como beterraba, espinafre e aipo em pó.

Para acompanhar toda esta diversidade de alimentos, somente um bom vinho.

O Empório Luso Brasileiro tem uma das maiores e mais completas adegas. Rótulos nacionais, caros ou baratos, assim como estrangeiros, encontram-se na loja, tanto para os especialistas, quando para os consumidores esporádicos. Vinhos como o Pêra-Manca e Torre do Esporão,

mas também a partir de um poleiro (árvore, poste, etc.).

É uma espécie residente, que pode ser encontrada em todo o território nacional, com maior incidência no interior. No Alentejo, com excelentes zonas para a sua observação, distinguimos as regiões de Marvão, Moura-Mourão, Arraiolos, Serra de Grândola, Mina de São Domingos.

2.2 A cotovia montesina (*Galerida theklae*)

De plumagem castanha, com riscas verticais escuras no peito, o seu comprimento ronda os 16 cm. Apresenta uma pequena poupa no alto da cabeça, tornando-a muito parecida com a cotovia-de-poupa. As supra caudais têm um tom ferrugíneo e as penas da cauda são levemente acinzentadas. A mandíbula inferior do bico é convexa.

Prefere os terrenos incultos e pedregosos e voa com frequência para árvores. O seu canto tem um tom suave e melodioso, variado e de alguma complexidade.

Sendo também uma espécie residente, pode ser vista durante todo o ano, abundando em especial na metade interior do País, com um habitat que lhe é mais favorável. No Alentejo é facilmente observável, por

exemplo nas zonas de Nisa, Marvão, Mourão, Castro Verde e Mértola.

3. A cotovia sempre foi considerada, desde tempos recuados, uma ave especial, particularmente 'simpática', entrando na mitologia, na literatura, no folclore, etc., tanto pela beleza do seu canto como pelo simbolismo do seu voo.

Para os gauleses era uma ave sagrada, continuando através das lendas populares francesas a ser vista como 'de bom augúrio'. As suas passagens sucessivas da terra ao céu e vice-versa unem os dois pólos da existência e representam a união entre o terrestre e o celeste.

O seu canto é de alegria e, para os teólogos místicos por exemplo, simboliza a oração jubilosa perante Deus. Na Natureza, as cotovias eram as amigas predilectas de São Francisco de Assis, às quais chamava de 'irmãs cotovias'.

Respeitemos, pois, este pequeno pássaro, para que o seu canto se perpetue e possa ser usufruído pelas gerações vindouras.

C. A. Ferraz da Conceição

Arte, Cultura, Tradição, Gastronomia

Mercado Central de São Paulo



Fachada do Mercado Central de São Paulo (Brasil)

O Mercado Central de São Paulo, Brasil, inaugurado em 1933, é um importante entreposto comercial de atacado e varejo, especializado na comercialização de frutas, verduras, cereais, carnes, temperos e outros produtos alimentícios tais como sementes, queijos, peixes e especiarias raras em boa parte da cidade, figo da Índia e pistacho iraniano,

assim como raridades da alta gastronomia, como é o caso do bem conhecido (e pouco provado) caviar, bem como trufas brancas, flores de sal e favas de baunilha.

O Mercado localiza-se no centro antigo de São Paulo, capital do Estado brasileiro, numa área do Rio Tamandateí, no bairro Mercado na antiga Várzea do

Carmo.

O "Mercadão", como é conhecido, fica em um sumptuoso prédio Neobarroco, considerado como Patrimônio Histórico.

O edifício, em estilo eclético, foi construído pelo escritório do renomado arquitecto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, sendo o desenho das fachadas de Felisberto Ranzini.

O estilo da construção escolhido foi o uso de fachadas sóbrias, com colunas internas e externas em estilo grego, jónico ou dórico. Telhas de vidros, clarabóias e vitrais complementam o conjunto, criando uma perfeita iluminação natural.

No interior, magníficos vitrais de Conrado Sorgenicht Filho chamam a atenção dos visitantes.

Ao todo são 32 painéis, subdivididos em 72 vitrais. Nestes vitrais, pode-se ver o trabalho manual do colono através de suas obras compostas por paisa-

gem de cultivo e colheita, tracção animal para o arado e para transporte além da criação de gado e de aves.

A construção, que demorou 4 anos para ficar pronta, foi um dos últimos grandes edifícios erguidos com a intenção de consolidar São Paulo como a metrópole do café. "Ele precisava ser referência para fora da cidade", diz o historiador. O novo edifício deveria substituir o mercado velho, que ficava na Rua 25 de Março. Para a empreitada, foram contratados os arquitectos que tiraram dos alicerces o Palácio das Indústrias, o Teatro Municipal, os Correios e o Colégio Sion.

São 12.600 metros quadrados em estilo eclético, como manda-



o Porto a perder 2-0. O pior continuava a ser nos jogos fora; aliás, isto acontecia na altura com quase todos os pequenos clubes.

No jogo dos 3-4 contra o Sporting o “O Elvas” alinhou como segue: Calleja; Galinho, Casimiro e Oliveira; Berna (ex-Real Madrid) e Sousa; Santos, Massano, Patalino, Vieira e Manuelito.

Repare-se que o Elvas conseguia trazer reforços do Real Madrid, e tinha, além do referido Berna, mais dois espanhóis, o guardião Calleja e o interior Rafa.

A época de 1949/50, quinta consecutiva na primeira divisão, foi desastrosa. A equipa não se aguentou e foi despromovida, baixando à segunda divisão, pois foi apenas 13º (e penúltimo) na classificação final. As 8 vitórias e 3 empates (derrotas foram 15) com um “score” de 48-65 em golos e 19 pontos, não foram suficientes para manter o clube entre os grandes do nosso futebol. Mas, apesar de descer de divisão, os adeptos tiveram ainda ocasião de observar bons e agradáveis jogos em casa onde, por exemplo, o Sporting teve que se esforçar numa segunda parte (perdia ao intervalo por 3-1) para conseguir levar de vencida a equipa da casa por 6-3; e o Benfica, campeão nessa época, ter perdido por 1-0 (o Benfica só teria neste ano duas derrotas, a segunda das quais com o Sporting).

A descida à segunda divisão deixou naturalmente “mazelas” e o clube ainda se “equilibrou” durante algum tempo, mas deslizou bastante depois.

Ainda regressou à 1ª divisão uns anos mais tarde, mas vou limitar-me nestes apontamentos a esta primeira aparição de um clube de Elvas no escalão maior, aquela que, por a ter vivido “in su sítio”, mais significado teve para mim.

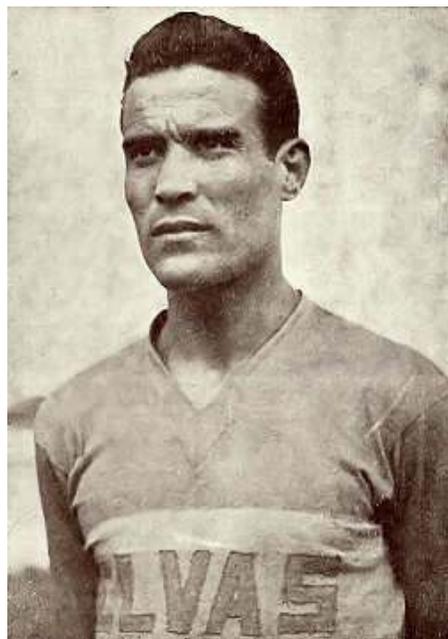
Passaremos entretanto a falar dos jogadores mais influentes da equipa,

nestes cinco anos referidos.

2. Patalino e outros

Ao falar dos jogadores que passaram pelo Elvas, quer inicialmente como Sport Lisboa e Elvas, quer depois como “O Elvas-Clube Alentejano de Desportos”, não podemos deixar de colocar à cabeça o “craque” de então, o celebrizado “Patalino”.

A importância que este magnífico atleta, que representou condignamente o clube mais nomeado da sua terra natal, teve no contexto desportivo (futebolístico neste caso) do país, foi tal que ainda muito recentemente, em 2001, mereceu uma referência do nosso brilhante escritor António Lobo Antunes, que, numa sua crónica na revista “Visão”, de 10 de Maio deste ano, dizia: «Pensei nos jogadores de futebol de que



Domingos Carrilho Demétrio, o “Patalino”.



Que, da terra empenhada, / Emprenhas o infinito!».

Com estas palavras de Torga termino esta palestra, confiante que o Toiro, o Senhor Rei da Festa, terá sempre, nestas paragens transtaganas, onde é quase idolatrado, o seu lugar cimeiro, como o menir erecto na planura imensa, mantendo viva uma cultura ancestral que todos temos brigaço de preservar.»

Nessa noite os Forcados Amadores de Monsaraz tiveram

a sua primeira actuação, comandados pelo Mário Gomes e apadrinhados pelos Amadores de Montemor, chefiados pelo Rodrigo Correa de Sá. Pegaram-se novilhos-touros da ganadaria da herdade da Machoa do Eng.º Luís Rocha, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Monsaraz, e também ele, forçado dos Amadores de Santarém na sua juventude. A cavalo actuaram os ainda cavaleiros praticantes António Maria Brito Paes, Manuel Ribeiro Telles Bastos e Duarte

Pinto. Os três, toureiros de dinastia. O tempo passou... O grande lago do Alqueva encheu. Os forcados de Monsaraz, porque é deles que vos falo, percorreram estes anos pegando toiros e levando o nome desta Terra alta-neira a outras paragens, agora chefiados pelo cabo David Rodrigues.

Dos seus elementos actuais faz parte um sobrinho meu que, num *mail* que enviou em Janeiro de 2010, me dizia: «O Grupo de Monsaraz é um grupo de uma região pequena, mas o que o caracteriza não é o tamanho, mas sim a União, a Amizade, o Companheirismo e, acima de tudo, o gosto de pegar touros

bravos! É um grupo de amigos que gosta de pegar touros. É em Monsaraz que consigo encontrar tudo isto, pois este Grupo é uma Família.» Foram estas as palavras do meu sobrinho Sebastião e estou certo que elas definem a vossa forma de estar na Festa. Desejo que a vontade, a garra, o querer e a *afición* destes portugueses das jaquetas de ramagens, honrarão sempre uma Arte e uma Terra com raízes tão profundas.

Quando pisarem as arenas, nunca esqueçam que há muitos que estão a rever em vós o castelo e a hospitalidade de uma das mais emblemáticas terras portuguesas.



de futebol.

Duas épocas na 1ª divisão, com conseqüentes deslocações a Lisboa, Porto, Coimbra, Guimarães, Braga, Setúbal, Olhão, para disputar os respectivos jogos “fora”, depauperaram as finanças do clube. O momento menos bom neste importante aspecto levaram o clube a solicitar ao clube sede a necessária e indispensável ajuda. Tal ajuda foi-lhe negada com o pretexto, inexorável (?!), de nunca terem subsidiado qualquer filial. Esta renúncia do Benfica em ajudar a sua filial não caiu bem no meio desportivo da cidade, dando lugar a um sentido desapontamento.

Acontecia que o Sporting Clube Elvense se debatia com os mesmos problemas, levando igual nega do seu clube sede. O movimento iniciado por uma campanha jornalística no “Correio Elvense”, e depois continuado nas respectivas assembleias gerais, onde os sócios das duas filiais pensaram noutros rumos, após amistosas conversações entre os dirigentes dos dois clubes, concluíram que, talvez transformando os dois clubes num só, a cidade ganharia um representante, valorizado com o reforço de jogadores e de sócios, acabando igualmente com a rivalidade existente e que só prejudicava os seus intentos. E se bem o pensaram, depressa o passaram a irreversível facto, com o beneplácito de sócios sensatos e pouco fanáticos dos dois clubes.

Assim, no dia 15 de Agosto de 1947, da fusão das duas filiais, nascia o “**O Elvas – Clube Alentejano de Desportos**”. O novel clube faria a sua estreia oficial defrontando no estádio municipal da cidade, a 23 de Setembro deste mesmo ano de 1947, a forte equipa do Sevilha, um dos grandes do desporto espanhol da altura, a qual venceu por 2-1. O clube foi então ocupar o lugar do Sport Lisboa e Elvas no Campeonato Nacional

da 1ª divisão, que este já vinha disputando há dois anos, e foi com este novo nome que o clube representativo da cidade disputou o campeonato de 1947/48.

Neste campeonato, já como “O Elvas”, o clube alcançaria a 7ª posição (a comandar a segunda metade da tabela), com 11 vitórias, 2 empates e 13 derrotas, com um “score” de 66-63 em golos e 24 pontos (a melhor classificação até então). Continuará a dificultar a vida aos grandes no estádio da cidade, apresentando uma média de golos idêntica à do ano anterior, e com algumas goleadas como por exemplo os 5-0 ao Boavista, os 7-0 ao Lusitano de Vila Real de Stº António e os 12-1 (?!) à Académica de Coimbra.

O maior feito da equipa nesta época coincidiu com a contribuição para a retirada do título (entregue ao Sporting) ao Sport Lisboa e Benfica (uma pequena “vingançazinha” pela nega ao apoio solicitado pelo S. L. Elvas no ano anterior), pois na antepenúltima jornada do campeonato perderiam com “O Elvas” em Lisboa (Campo Grande), por 2-1, sendo o carrasco benfiquista o avançado **Patalino**, autor dois golos da formação elvense.

Como curiosidade, registre-se como a equipa de Elvas alinhou neste memorável encontro: Calleja; Galinho, Neves e Oliveira; Rebelo e Sousa; Vieira, Massano, Patalino, Rafa e Casimiro.

Uma época mais (1948/49), “O Elvas” continuaria entre os primodivisionários do futebol nacional. Foi 9º com 7 vitórias, 7 empates e 12 derrotas, com um “score” de 46-61 golos (notava-se um decréscimo de “acerto” nas balizas adversárias) e 21 pontos. Os grandes continuavam a ver-se aflitos em Elvas, ganhando apenas por um golo de diferença (3-4 contra Sporting, 0-1 contra Benfica), com o Belenenses a empatar e

Juventude e Lusitano de Évora, em 1944/45 o Sport Lisboa e Elvas dominou os seus adversários, vencendo o que se denominou como série 14 da II liga. E foi assim que esta filial do grande Benfica, ao clube sede se juntou no campeonato de 1945/46, bem como também ao Sporting, que era o clube dominador na época (com algumas intromissões do Benfica e até uma do Belenenses, esta precisamente na estreia do S. L. Elvas no campeonato).

Na primeira época em que disputou a 1ª divisão, o **S. L. Elvas** quedar-se-ia pela 8ª posição entre 12 equipas (o que para estreia se pode considerar como muito razoável), obtendo 8 vitórias, sendo derrotado 13 vezes e apenas empatando 1 encontro. Era uma formação que marcava bastantes golos (43 em 22 jogos, o que dava uma média superior a 2 golos por desafio), principalmente no seu estádio municipal, onde era difícil passar, sendo os três grandes da altura (Sporting, Benfica e Belenenses) os únicos a consegui-lo, num terreno de jogo ainda em terra batida, mas mesmo assim tendo de marcar bastantes golos. O problema da equipa era nas saídas aos campos adversários, onde, com raras exceções, “comia pela medida grossa”.

Como curiosidade, recorde-se que, à 3ª jornada, neste campeonato com 12 clubes, o recém promovido fixava-se no comando da competição. Em crónica do brilhante jornalista Tavares da Silva, dizia-se na revista “Stadium” (semanário desportivo da altura, com saída às quartas-feiras): «Excelente! Elvas! Com 3 vitórias, à cabeça».

Ainda como **Sport Lisboa e Elvas**, mas agora com 14 clubes (fora alargado o campeonato com mais duas formações), em 1946/47, ficaria também na segunda metade da tabela classificativa (9º lugar, com 9 vitórias, 2 empates e 15

derrotas, com um “score” de 65-89 em golos e 20 pontos). Mas continuava a mesma dificuldade em os primodivisionários passarem em Elvas, onde só os grandes normalmente ganhavam; mas, se queriam levar de vencida a valorosa equipa que o clube apresentava então, teriam de marcar 4 ou 5 golos, porque os elvenses marcavam pelo menos 3. A acrescentar, goleadas como 8-0 ao S. L. Elvas e 8-1 ao Boavista mostravam bem a força atacante da formação do Sport Lisboa e Elvas. O pior continuava a ser nos jogos fora, onde apenas registaram um empate em Guimarães. Os 65 golos marcados davam uma média de 2,5 golos por encontro, o que demonstra bem a eficácia dos dianteiros elvenses. Dava gosto assistir aos jogos disputados no campo de Elvas com tantos golos marcados, pois o «sal» do futebol é precisamente o meter o esférico na baliza adversária.

Lembremos uma equipa de 1947, por exemplo, a que bateu o Belenenses por 1-0 em 27 de Abril: Semedo, Neves, Oliveira, Henrique, Rebelo, Toninho, Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

Para o razoável número de golos que a equipa marcava contribuía, com larga margem, o seu avançado-centro da altura, o Patalino, como era conhecido, que só à sua conta marcou 24, sendo nessa época o segundo melhor marcador do campeonato, só superado pelo então muito consagrado avançado-centro do Sporting Clube de Portugal, o Peyroteo (na altura dos 5 violinos, se bem estamos lembrados). Mas, quanto a este magnífico atleta elvense, que chegou a internacional, nos debruçaremos mais adiante.

Vejamos por agora o restante percurso do clube representativo da cidade, durante o tempo que se conservou pela primeira divisão do campeonato principal

O Importante é a Beleza

.....
L’important c’est la rose...

Diz uma famosa cantiga, interpretada por um não menos famoso cantor francês, que o importante é a rosa. Quanto a mim, de entre as flores não só ela é importante, apesar de todas as suas variedades, cores e simbolismos. Na minha frente tenho um campo enorme, a perder de vista, repleto de flores, em variedades tantas que não consigo identificar, tão pequenino eu me sinto e tão grande é a minha ignorância, mas não tenho qualquer tipo de dúvida de que tão importantes são umas quanto as outras, tanto na beleza das cores e do formato como na diversidade dos odores e no resultado da sua singularmente rica e estranha mistura.

É evidente que, em situações específicas e para um qualquer fim definido, o ser humano, em variadas ocasiões, escolhe uma flor ou um conjunto delas, atribuindo-lhe este ou aquele significado, boa parte das vezes simplesmente porque ouviu dizer que era assim, e, sem dúvida,

sempre ao jeito dos comerciantes da especialidade, que alimentam a situação conforme as suas vantagens e conveniências (mais uma vez, também aqui, a figura invisível / impalpável / intocável do mercado...).

Por isso, apesar da fantástica beleza que se expõe perante mim, e do inebriante da sua mistura de cheiros, bem como do cravo vermelho que trago na botoeira (cá está outra vez o simbolismo em acção...), inconscientemente, eu hoje seleccionei o lírio roxo. Acontece, que da berna do caminho, de entre as ervas, ele, no topo do seu caule vertical (tomara que todos os homens tivessem assim a coluna...) me chamou a atenção na sua natural e elaborada simplicidade.

Muito embora em justiça, todas e cada uma das flores, de per si, sejam de uma beleza única, todavia o lírio roxo, no desenhinho e na cor das suas pétalas, na forma como estão distribuídas, a

já falada verticalidade do seu caule e o incomum do seu quase inexistente odor, bem como a sua, hoje, raridade, emocionaram-me e, por isso, retirei a mão que se preparava para o colher.

Depois, levantando a vista, reparei que também nas árvores, ali relativamente perto, as flores (o candeio) despontavam aumentando-lhe o rude encanto. E, em fundo, existiam também os sons: o canto dos pássaros, o som de um qualquer chocalho muito ao longe, o discreto murmúrio do movimento das plantas provocado pelo cúmplice e suave vento, bem como outros sons não identificáveis, pelo menos por mim, mas que compunham/enchiam os vãos entre uns e outros.

E, de repente, talvez por no momento o meu pensamento estar concentrado nos sons, veio-me à memória o espantoso da variedade de sentimentos há pouco sentidos na, por enquanto, característica praça central de Mourão: as vozes fortes dos homens entoavam cantigas de grupo. Foram uma, outra e outra e mais tantas outras (até cantaram o meu lírio roxo do campo), carregadas de beleza, de dura história, de sentimento, de saber

e cultura popular, e, também, de muito simbolismo, pois este desfile de corais Alentejanos, modesto, mas com o povo na rua, deveras interessado, boa parte dele de cravo vermelho em punho ou na lapela, comemorava o aniversário da revolução do 25 de Abril de 1974, o dia em que tudo mudou, o dia em que todas as esperanças e sonhos eram admissíveis.

Depois de um dia destes, tão cheio, a abarrotar, não é difícil concluir, que nos seus vários estádios, de facto, o importante é a beleza.

Já agora, em jeito de nota de rodapé, e porque falamos de beleza, atrevo-me a apelar a todos os Alentejanos e amigos da cultura da região dos largos horizontes, que ajudem na medida das suas possibilidades (nem que seja somente pressionando os autarcas que elegeram), na luta pela classificação do cante Alentejano como património imaterial da humanidade, tendo em conta que ele, sem a menor sombra de dúvida, é um dos belos e importantes pilares dessa mesma cultura.

Mourão – Alentejo, 25 de Abril de 2007 – Luís Jordão

Recordando

O «Elvas» e «Patalino»



Equipa do Sport Lisboa e Elvas em 1946. 1º plano: Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Quim; 2º plano: Semedo, Rana, Fernandes, Rebelo, Almeida e Alcobia.

1. A equipa

O futebol tem andado, desde há muito, arredado do interior do país e, particularmente, do Alentejo. Tempos houve em que o campeonato nacional tinha grandes jogos, renhidos e bem disputados, em terras transtaganas, inicialmente em Elvas e, um pouco mais tarde, em Évora (com o seu Lusitano). Vou tentar recordar o que em Elvas se passou na década de 1940, (já lá vão mais de 60 anos), uma vez que se trata da minha terra natal e aí assisti a muitos dos tais grandes jogos disputados.

Havia em Elvas três clubes (!) a

praticar o que alguns consideram desportiva por excelência (!): o Sport Lisboa e Elvas, filial n.º 6 do Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube Elvense, filial do Sporting Clube de Portugal, e o Clube de Futebol “Os Elvenses”, filiado do Clube de Futebol “Os Bele-nenses”. Vou referir o primeiro, porque foi aquele que mais se distinguiu a nível nacional, e o único da cidade a participar na 1ª divisão nacional. O **Sport Lisboa e Elvas**, fundado em 1925, andava pelos distritais,

inicialmente um pouco por baixo, com classificações até inferiores às dos seus homónimos da cidade, até que, em 1945, o Campeonato Nacional da 1ª divisão, que até então se disputava apenas com 10 clubes, foi alargado a mais dois distritos – Aveiro e Portalegre. No campeonato distrital de Portalegre, a partir de 1941/42, já dominava o **Sport Lisboa e Elvas**, que foi campeão da Associação de Futebol de Portalegre em 1944/45. Mas a Federação só admitia o representante de além Tejo se fosse vencedor de um campeonato regional. Debrutando o União de Montemor, Portalegrense e Estrela de Portalegre,

D'onde tudo partiu

.....

na rua de fora
d'onde tudo partiu
acalmo as minhas ânsias
cansaços e desencantos

na rua de fora
d'onde tudo partiu
mais uma vez
sinto o pulsar da grande planície
o meu chão

na rua de fora
d'onde tudo partiu
não podendo deixar
de esconjurar os trânsfugas e os “chibos”
afago a memória

na rua de fora
d'onde tudo partiu
vendo no silencio
arderem na lareira os tanganhos de azinhoa
sinto-me protegido na solidão aparente

na rua de fora
d'onde tudo partiu

Mourão, Dez./2008

gostei na minha infância... do grande Patalino do Elvas...»

Domingos Carrilho Demétrio nasceu em Elvas a 29 de Junho de 1922. Pouca gente o conhecia pelo nome. Para toda a gente era o “**Patalino**”, alcunha porque ficou conhecido nos meios futebolísticos. Dizia-se que se devia ao seu pai, que fora um grande campeão do “Jogo da Pata” (os seus, e meus, conterrâneos ainda vivos decerto recordarão o que era este jogo). Filho do campeão do “Jogo da Pata”, o Domingos ficaria “Pata... lino” e assim continuaria afamado no futebol.

De origem humilde, era alveneu (para quem não se recorde deste mister, significa pedreiro, o que trabalha com pedra e cal), e aos 18 anos iniciou a sua carreira futebolística no Clube de Futebol “Os Elvenses”. Dotado de alguma técnica e de grande capacidade de finalização, marcava bastantes golos na liga regional que este clube então disputava e logo captou as atenções do **Sport Lisboa e Elvas** (equipa mais dotada na altura) que assim o contratou em 1941.

Mas seria emprestado em 1943 ao “Lanifícios de Portalegre” (?!), onde só esteve uma época, pois a filial elvense do Benfica achou que dele necessitava e fê-lo regressar no ano seguinte.

Por Elvas ficou, primeiro integrando o Sport Lisboa e Elvas, de 1943 a 1947, e depois o Elvas Clube Alentejano de Desportos, a quando da criação deste novo clube na cidade e até 1952.

Nos anos em que o clube, com as duas designações, participou na 1ª divisão nacional, de 1945 a 1950, Patalino deu nas vistas a nível nacional. O seu nome ecoava por todo o país como atleta de eleição que era, notabilizando-se pela quantidade de golos que marcava.

Era um futebolista com uma capacidade física impressionante, rápido e eficaz em frente às redes adversárias,

com um grande poder de elevação, que lhe permitia marcar muitos golos de cabeça. Naturalmente que estas qualidades que o atleta demonstrava em campo deram nas vistas nos meios desportivos da época; e assim não demorou a ser devidamente assinalado pelos responsáveis pelo seleccionado português, e chamado a integrar a “equipa de todos nós” em vários jogos internacionais.

Começou com uma chamada à selecção portuguesa que disputou em Março de 1946, num encontro com uma selecção inglesa da “Home Fleet”. Patalino alinhou no centro do ataque, tendo como companheiros Jesus Correia, Araújo, Salvador e Rogério (se bem estamos lembrados, todos nomes grandes da altura). Na crónica respeitante a este encontro, afirmava a imprensa desportiva da época: «Para Patalino, também vão os melhores elogios. Eis uma estrela que levanta a cortina do horizonte (?!). O conhecido elemento de Elvas não só se adaptou ao jogo dos interiores (Araújo e Salvador), o que revela classe... Além disso, revelou uma fogueira de impressionante.»

Depois foi a chamada à selecção principal em que disputaria um encontro com a Irlanda a 16 de Junho de 1946. Figurava entre os avançados famosos de então, como o Araújo, o Peyroteo, o Caiado, o Rogério, o Bentes...

«Uma revelação do futebol português no posto de avançado-centro – chamado à selecção nacional contra a Irlanda», título com honras de capa da revista “Stadium”, referindo-se ao atleta elvense.

Em 3 de Maio de 1947, a selecção B de Portugal (que não desmerecia da A) disputou com a sua congénere de França, em Bordéus, um encontro em que Patalino só foi utilizado na segunda parte, substituindo Julinho (do Benfica).

Mas foi o suficiente para marcar os dois golos com que a selecção portuguesa conseguiu reduzir a derrota (2-4 foi o resultado final). Dizia-se na imprensa desportiva que... «em Bordéus, Barrigana e Patalino cumpriram bem».

A classe que Patalino demonstrava nos jogos em que intervinha ultrapassou fronteiras. E começou a ser aliciado para demandar outras paragens.

Em Abril de 1947 Patalino foi convidado para jogar no Bordéus mas, sentimental como era, respondeu que, a ter que abandonar a sua «querida terra, Elvas», só o faria pelo Sport Lisboa e Benfica.

Depois, em Setembro desse mesmo ano, foi o Atlético de Madrid a querer levar o jovem internacional português. Os directores madrilenos terão estado em Elvas a tentar “desviar” Patalino para aquele clube, oferecendo 300 mil pesetas pela sua contratação, sendo 150 mil para o clube, 150 mil para o jogador, acrescentando-se o empréstimo de 3 jogadores ao Elvas e ainda um jogo na cidade. Patalino teria 2.500 pesetas de ordenado (razoável para a época) e prémios de jogos.

Mais tarde, segundo um redactor do periódico “Hoy” de Badajoz, a oferta subiria para 200 mil pesetas pela ficha e quinze mil mensais, mais prémios de jogos. Patalino mais uma vez recusaria “pela sua vida de romance e amor a Elvas” dizia-se. Acrescentava ainda o periódico que Patalino, além da proposta do Atlético de Madrid, recebera outras do Sevilha, do Córdoba e do Real Madrid.

Em Janeiro de 1949 voltavam as convocatórias para o seleccionado português. Preparava-se uma ida a Itália no mês seguinte para defrontar a selecção daquele país. Patalino participou no estágio, alinhando em Coimbra num jogo treino com a Académica. Patalino

deslocou-se então a Génova para este encontro.

Foi apenas suplente neste encontro, mas o facto de integrar a selecção dizia da valia futebolística que o atleta tinha. Este jogo, como outros, deu direito a receber uma medalha pelo facto. Mas esta distinção teve a sua história: no regresso de Génova, Patalino ficou sem a gabardine e o cachecol, roubados no comboio, a caminho de Lisboa. Diz-se que só não chorou porque não lhe levaram a medalha ganha pela sua presença em Itália, e que seria exposta em Elvas como um “ex-libris” de um herói seu.

Em Março de 1949, Patalino foi indigitado para nova participação na selecção B, a disputar um jogo com a Espanha.

Em 15 de Maio desse mesmo ano, Patalino seria titular no jogo que Portugal fez com o País de Gales. Portugal venceu o encontro por 3-2 e Patalino marcou o 1º golo português.

Mais tarde, já em 1951, com “O Elvas” na segunda divisão, Patalino voltaria a ser convocado para um Portugal-Itália. Marcaria 2 golos num treino da selecção, mas não chegou a integrar a constituição inicial da equipa das quininas nesse encontro.

Por razões várias, o clube já não tinha condições para voltar à divisão maior do nosso futebol e era “pequeno” talvez para o internacional Patalino. Assim, foi contratado em 1952 pelo Lusitano Ginásio Clube de Évora, que entretanto havia ingressado na primeira divisão. Por ali se manteve por 4 épocas, seguindo depois para Serpa, mais tarde para o Luso do Barreiro, para terminar a sua carreira no A. C. Arrentela. Como muitos outros “craques” (lembre-se Eusébio) foi terminar a carreira num clube modesto.

Mas Patalino não jogava sozinho. Em desportos colectivos, como o futebol

Irredenta esperança

.....

escondo-me no saco dos brinquedos:
ainda aí guardo esperanças e segredos
fechados a sete chaves.
deles por enquanto nada direi
– quero-os irredentos
puros (sagrados)
como serão os corpos nos noivados
e são as mulheres que eu amei.

escondo-me mas não deserto. fico
à espreita na tocaia a que me dedico
sempre à espera de novidades.
sei que virá o tempo
de abrir o saco
e sacar lá de dentro outro pacto
com a chuva com o sol e com o vento.

eu sei: virá o tempo. e então direi
quanto estive sufocado e conservei
com força de medrar e viço
e alma. direi o chão
da aventura
regada pela viva água da ternura
onde por nossas mãos brotará o pão.

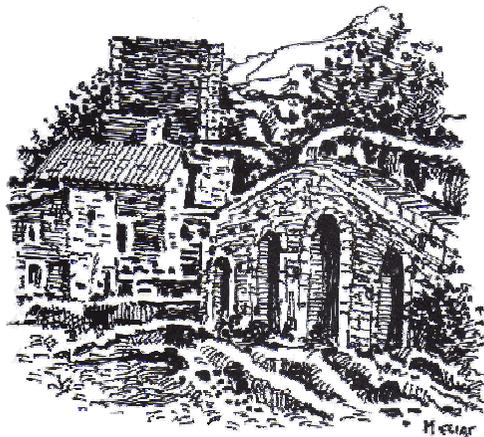
eu sei: virá o tempo.

Portagem

.....

Ó luminosa PORTAGEM
com o cintilante espelho
do rio Sever,
a ponte romana,
tua Torre de Menagem
e Marvão à vista
cativam todos os olhos!...
Qu' esplendoroso horizonte
visual
com o crepúsculo a bater
na ponte e Torre de Menagem
de ti majestosa PORTAGEM!...

O "azul do céu" das águas
do fascinante rio Sever,
a Torre de Menagem,
o casario típico
são um esplendor
de ti ó bucólica PORTAGEM!...



Seleção portuguesa contra o País de Gales, com Patalino como avançado-centro.

o é, todos os parceiros são importantes. E o clube elvense tinha outros excelentes praticantes que ajudavam o seu ponta de lança.

Não estaremos longe da verdade se dissermos que o apoio que dava o interior direito que acompanhava Patalino foi de grande influência na sua "performance". Era ele o **Manuel Massano**, igualmente natural de Elvas. Curiosamente, da janela traseira da casa onde eu morava na altura, via em frente a casa onde morava este outro "craque" elvense. Mais, o seu nome dizia-me algo, pois da parte da minha avó materna eu também era Massano, sem que, no entanto, as famílias fossem chegadas.

Massano foi também seleccionado, embora apenas para a selecção B. Mas o facto mostra que os responsáveis pelas selecções estavam atentos às suas qualidades futebolísticas. Era um jogador fino, que, no meu entender, não ficava atrás do considerado melhor inte-

rior direito de então, o Araújo, que representava o F. C. do Porto.

Em 1949, juntando-se a Patalino, foi seleccionado para um jogo a disputar com a Espanha. Seria depois efectivo numa selecção representativa do Sul, que venceu a do Norte por 5-2. Massano alinhou ao lado dos "craques" da época: Feliciano,

Moreira, Xico Ferreira, Julinho, Travassos, Albano, entre outros.

Um outro jogador de "O Elvas" que mereceu uma convocação para um treino da selecção foi o médio **Sousa**.

Depois, não podemos deixar de referir outros que, não sendo todavia objecto de passíveis chamadas à selecção, não deixavam de ser óptimos jogadores, alguns vindos de, ou a caminho de Benficas, Belenenses e quejandos. Além dos já citados, as minhas referências pessoais admitem os seguintes: os guarda-redes **Semedo** e depois o espanhol **Calleja**, os defesas **Neves** e **Galinho**, os médios **Rebello** e o espanhol **Berna**, os avançados **Rafa** (também espanhol), **Rosário**, **Aleixo** e alguns mais que a memória esqueceu.

António Carretas

Ropa Limpia y Macetas



Rua das Beatas, em Elvas

Cheira a roupa limpa.

A detergente. A suavizante.

A Rúa das Beatas de Elvas.

O a Rúa Direita de Terena, o ruelinhas de Castelo de Vide.

O cualquiera del Casco Histórico de nuestros núcleos encumbrados.

Alburquerque, Valencia de Alcántara,

ra, Campo Maior, Marvão...

¡Tantos pequeños pueblos de nuestra geografía alentejana y extremeña!

Una humilde nota de verdor en sus macetas al borde de las fachadas de las casas.

Una fragancia en el aire pausado de la tarde.

Un silencio tranquilo, relajado.

Un brillo en su adoquinado, en su empedrado, levemente mojado por la lluvia.

¡Cheira bem, cheira a Casco Histórico, medieval, eterno!

A lento transcurrir.

Recio granito en las ojivas de las puertas.

Encalado a duras penas sostenido.

Soledad donde hubo antiguo griterío.

Roupa limpa e macetas.

Testigos de una vida que late todavía.



Castelo de Vide

Avós

Persiste o Sonho



Às minhas avós e avôs

A minha avó Leonor

era um amor

e nunca viu o Mar.

Nasceu

viveu

e morreu no seu quintal.

Persiste o Sonho

tal e qual.

A minha avó Maria

que tanto me queria

foi ver o Mar.

Lá viveu

e morreu

longe do seu quintal.

Persiste o Sonho

tal e qual.

O meu avô António

que não conheci

foi campónio.

Nasceu

viveu e morreu

no seu jardim.

Resiste o Sonho

mesmo assim.

O meu avô Bento

que mal o vi

teve talento.

Nasceu

viveu e morreu

em terra ruim

Resiste o Sonho

mesmo assim.

Gastronomia – um petisco do outro mundo

.....

Açorda de alho à moda dos meus maiores

Ingredientes:

- Água q.b
- Pão de trigo, duro
- Alho (1 dente por pessoa)
- Azeite q.b (cerca de 1 decilitro)
- Bacalhau (1 pequena posta por pessoa)
- Ovos (1 por pessoa)
- Coentros e poejos (em quantidades idênticas)
- Pimento vermelho (um pouco só para dar cor)
- Sal grosso q.b.

Confecção:

- 1 • Deitar o sal grosso, os dentes de alho, os poejos e os coentros num almofariz e pisar muito bem;
- 2 • Cortar o pimento em quadrados pequeninos (basicamente decorativo);
- 3 • Cortar o pão em fatias pequenas;
- 4 • Cozer o bacalhau e escalfar os ovos, guardando-se a água da cozedura para fazer a açorda;
- 5 • Em tigela de tamanho adequado, deitar o azeite e os temperos já pisados e a água de cozer o bacalhau com o mesmo lá dentro.
- 6 • Servir os ovos e as sopas à parte, para que cada um se sirva daquilo que quiser.

Manjar à minha moda

Ingredientes:

- 500 grs. de açúcar
- 200 grs. de amêndoa moída
- 150 grs. de pão
- 1/2 litro de leite
- 1/4 de litro de água
- 4 gemas de ovo

Dentro da noite

.....

a única testemunha
do desassossego goza
de certa liberdade
dentro da noite

ela reside na aurora
sob um sol estranho e frágil

como o brilho
das estrelas não se vê
é a floresta que conduz a sobrevivência

uma leve floresta de pragas
e animais mestiços
que se juntam aos cabelos
de um público atordoado

de súbito
se um raio iluminasse em destreza
perder-se-ia o fogo

e as grades imaginárias
dessa prisão
deixaria que o dia entrasse



A Revolução dos Cravos

.....

A Revolução dos Cravos
Feita por homens bravos
Capitães e soldados de Abril
Foi esta a sua loucura
De acabar com a ditadura
Para gente reles e vil
Ofereceram-lhes a liberdade
Agradecem com a maldade
É gente sem memória
Viviam numa triste pobreza
Já se esqueceram de certeza
Ao ignorarem esta acção tão meritória
Arriscaram suas vidas
E noites não dormidas
Para instituir a democracia
Com liberdade para o povo
Do mais velho ao mais novo
Para enfrentarem um novo dia
Só foi bom para os oportunistas
Sem escrúpulos esses vigaristas
Lapidaram o erário público
Num compadrio vergonhoso
Para este resultado desastroso
Esquecendo o interesse público
O povo foi bem enganado
Como outrora sempre coitado
Eles até se insultam num cambalacho.
Fingindo que nos defendem
Mas todos eles se vendem
Só lutam por um bom tacho

M. L. – Abril, 2012

O Reino da Luz

.....

Sair das trevas
para atingir o Reino da Luz,
foi muito difícil e complicado.
Joguei toda a minha vida
no campo que dispunha
e essa factura foi muito cara
e deixou marcas profundas
que nunca mais desaparecem!
O Reino da Luz
é um objectivo maravilhoso
que depois de atingido
nunca mais nos deixa indiferentes
perante tudo o que aconteça na vida!
É o observatório
do Tempo-Espaço
para a leitura fascinante
da Aventura da Vida.

Fomos pelas avenidas

Fomos pelas avenidas
Que ainda não cheiram
A pétalas para todos.

Numa só voz milhares
Como crianças despertadas
Em busca do sol.

Pés bem assentes no chão
E o orgulho dos punhos
Conhecedores da poesia
De saber florir o pão

Minha avó e Santo António

Minha avó, Maria Lampreia, que nasceu a 13 de Junho em Serpa, onde sempre viveu e morreu, era profundamente devota de Santo António. Sendo esta devoção do conhecimento geral, eram muito frequentes os pedidos para que “encomendasse a Santo António” um militar, um estudante em exames, um objecto perdido...

Para ela, esta é uma singela homenagem.

Minha avó idolatrava
Um Santo António que tinha
E o bom do Santo escutava
Aquela santa velhinha.

Era pura, até mais não
A sua forma de fé.
Era muito mais até
Do que simples devoção.
Gente de alta condição,
P’ra quem ela trabalhava,
O povo que ali morava
E os que vinham de passagem,
Sabiam que aquela imagem
Minha avó idolatrava.

Um Santo em barro pintado,
Cheio de ternura no olhar,
Serenos no seu altar,
Dia e noite alumiado.
Não o teria trocado,
É firma certeza minha,
Nem que a fizessem rainha,
Ou lho pesassem a ouro...
Era o seu maior tesouro
Um Santo António que tinha.

Rezava pelos soldados,
Pelos amigos distantes,
Pedia que os estudantes
Tivessem bons resultados;
De perdidos e achados
Co’o Santo “dialogava”
E a impressão que deixava
A quem à cena assistia
É que tudo o que dizia,
O bom do santo escutava...

Numa fresca madrugada
De Junho, o seu mês regente,
Minha avó, serenamente,
Fez-se à última jornada,
Sonhando que, ao fim da estrada,
Ao seu encontro lá vinha
Santo António, que já tinha
Lugar há muito guardado,
Para sentar a seu lado
Aquela santa velhinha.

Embora de mim

.....

Qualquer dia vou-me embora
Não daqui nem de ti
Vou-me embora de mim
Despeço-me
Do que conheço, do que sou
Qualquer dia vou-me embora
Bato com a porta, acabou

Procuro um novo começo
Sem sair do mesmo lugar
Movo-me devagarinho
Começo já a contar
Os dias que ainda faltam
Para esse dia chegar

Qualquer dia vou-me embora
Não daqui nem de ti
Vou-me embora de mim
Assim...

Minha raiz de pensamento

.....

Ondas
Branças
Livres
Avançando pela areia,
Milhões de grãos
Que juntos
Em liberdade
Querem permanecer...
Praia deste lugar,
Deste mar português
Que eu sempre
Quero continuar
A amar
Sem peias,
Sem barreiras de silêncio,
Com gritos de Liberdade
Como as gaivotas no ar
Mas sempre tão igual
Minha raiz de pensamento...

Costa da Caparica
25 de Abril de 2011

FASES DA LUA EM 2013 (Tempo Universal)											
Lua Nova ●			Quarto Crescente ☽			Lua Cheia ○			Quarto Minguante ☾		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	11	19.44	Janeiro	18	23.45	Janeiro	27	04.38	Janeiro	5	03.58
Fevereiro	10	07.20	Fevereiro	17	20.31	Fevereiro	25	20.26	Fevereiro	3	13.56
Março	11	19.51	Março	19	17.27	Março	27	09.27	Março	4	21.53
Abril	10	10.35	Abril	18	13.31	Abril	25	20.57	Abril	3	05.37
Maio	10	01.28	Maio	18	05.34	Maio	25	05.25	Maio	2	12.14
—	—	—	—	—	—	—	—	—	Maio	31	19.58
Junho	8	16.56	Junho	16	18.24	Junho	23	12.32	Junho	30	05.54
Julho	8	08.14	Julho	16	04.18	Julho	22	19.16	Julho	29	18.43
Agosto	6	22.51	Agosto	14	11.56	Agosto	21	02.45	Agosto	28	10.35
Setembro	5	12.36	Setembro	12	18.08	Setembro	19	12.13	Setembro	27	04.55
Outubro	5	01.35	Outubro	12	00.02	Outubro	19	00.38	Outubro	27	00.40
Novembro	3	12.50	Novembro	10	05.57	Novembro	17	15.16	Novembro	25	19.28
Dezembro	3	00.22	Dezembro	9	15.12	Dezembro	17	09.28	Dezembro	25	13.48

Dados: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - <http://www.fc.ul.pt/>



Confeção:

- Ferver o leite e nele demolar o pão;
- Fazer um ponto com o açúcar e água, que deverá ficar grossinho;
- Juntar ao pão desfeito no leite e mexer, devendo ficar tudo bem ligado;
- Acrescentar a amêndoa, continuando a mexer;
- Retirar do lume e só depois juntar as gemas uma a uma, con-

tinuando sempre a mexer, até que fique tudo muito bem ligado;

- Deitar no prato de servir e decorar com fios de ovos.

Curiosidade

Na minha terra há uma doçaria excelente. Diz-se ser uma herança dos frades do Convento de Nossa Senhora do Alcance, cujas ruínas desapareceram com o enchimento da albufeira de Alqueva.

O senhor Nunes

Disseram-me há uns dias que a vida de um escritor deve ser coisa fácil, de embalar meninos, presumindo que para mim seja fácil embalar meninos, o que nem é verdade!

Mas não sei com que intenção, apontaram-me o dedo!

– É pá, tu sentas-te ao computador e zuca zuca, martelas nas teclas e já está!

Novamente entro em desacordo com aquele amigo da onça quanto ao zuca zuca e já está, porque nem zuca nem já está, assim só a bater nas teclas. Se assim fosse, um carpinteiro era só serrar a madeira, o calceteiro só bater nas pedras e as cozinheiras era só atirar com os legumes e pés de porco para o tacho (livra!), e venham jantar que zuca e mais truca, já está!

Há dias em que o tal escritor sofre de gemer e esperar pelo último dia depressa, depressa! Não será o meu caso, cruces, mas hoje é uma ocasião de desejar ir para outro sítio onde não haja computadores nem prazos de entrega. Porquê? Vamos lá ao conto, pode ser que com a continuação venha o entusiasmo e a verve.

Como acicate, jurei a mim mesmo que só me levantava daqui, depois de vos ter contado a história sem história provável do Sr. Nunes.

É uma tarefa ingente, o Sr. Nunes é o que costume chamar, um Nunes. E o que é um Nunes? Pouco se saiba, porque pouco há para saber, entendamos.

Um Nunes é um pacato. Um Nunes não tem ambições. Há mesmo Nunes que nem se interessam pelo Benfica ou por um outro clube qualquer, mas não se interessam pelo Benfica, mostra à saciedade a falta de ambição desse Nunes em particular. Temo até que haja camadas, extractos específicos e especializados em cinzente, arrumados em prateleiras de arquivo conforme aos diferentes Nunes. É segurança certa, da cor desses arquivos ser a cinzenta, outra não pode ser, se até o branco alveja alegrias e gaifonices alvas.

O Nunes que eu ligeiramente conheci – concedo, que mo fizeram conhecer para eu vir aqui debitar a “odisseia” dele – mas vamos onde íamos, o Nunes que eu conheci, era casado há cerca

ANUÁRIO

Feriados Nacionais em 2013

1 de Janeiro (3 ^{af})	Dia de Ano Novo
12 de Fevereiro (3 ^{af})	Carnaval (facultativo)
29 de Março (6 ^{af})	Sexta-feira Santa
31 de Março (Dom.)	Dia de Páscoa
25 de Abril (5 ^{af})	Dia da Liberdade
1 de Maio (4 ^{af})	Dia do Trabalhador
30 de Maio (5 ^{af})	Dia do Corpo de Deus eliminado pelo Governo*
10 de Junho (2 ^{af})	Dia de Portugal
15 de Agosto (5 ^{af})	Dia de Assunção de Nossa Senhora
5 de Outubro (Sáb.)	Implantação da República eliminado pelo Governo*
1 de Novembro (6 ^{af})	Dia de Todos os Santos eliminado pelo Governo*
1 de Dezembro (Dom.)	Dia da Restauração da Independência eliminado pelo Governo*
8 de Dezembro (Dom.)	Dia da Imaculada Conceição
25 de Dezembro (4 ^{af})	Dia de Natal

NOTA - A suspensão dos quatro feriados vai manter-se até 2018.

ANUÁRIO

CALENDÁRIO 2013

(sem os quatro feriados suspensos pelo Governo)

O calendário de 2013 tem 365 dias.

Janeiro							Fevereiro							Março									
semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do
1		1	2	3	4	5	6	5					1	2	3	9					1	2	3
2	7	8	9	10	11	12	13	6	4	5	6	7	8	9	10	10	4	5	6	7	8	9	10
3	14	15	16	17	18	19	20	7	11	12	13	14	15	16	17	11	11	12	13	14	15	16	17
4	21	22	23	24	25	26	27	8	18	19	20	21	22	23	24	12	18	19	20	21	22	23	24
5	28	29	30	31				9	25	26	27	28				13	25	26	27	28	29	30	31
5:● 11:● 18:● 27:○							3:○ 10:● 17:○ 25:○							4:○ 11:● 19:○ 27:○									

Abril							Maio							Junho									
semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do
14	1	2	3	4	5	6	7	18			1	2	3	4	5	22					1	2	
15	8	9	10	11	12	13	14	19	6	7	8	9	10	11	12	23	3	4	5	6	7	8	9
16	15	16	17	18	19	20	21	20	13	14	15	16	17	18	19	24	10	11	12	13	14	15	16
17	22	23	24	25	26	27	28	21	20	21	22	23	24	25	26	25	17	18	19	20	21	22	23
18	29	30						22	27	28	29	30	31			26	24	25	26	27	28	29	30
3:○ 10:● 18:○ 25:○							2:○ 10:● 18:○ 25:○ 31:○							8:● 16:○ 23:○ 30:○									

Julho							Agosto							Setembro									
semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do
27	1	2	3	4	5	6	7	31				1	2	3	4	35						1	
28	8	9	10	11	12	13	14	32	5	6	7	8	9	10	11	36	2	3	4	5	6	7	8
29	15	16	17	18	19	20	21	33	12	13	14	15	16	17	18	37	9	10	11	12	13	14	15
30	22	23	24	25	26	27	28	34	19	20	21	22	23	24	25	38	16	17	18	19	20	21	22
31	29	30	31					35	26	27	28	29	30	31	39	23	24	25	26	27	28	29	
8:● 16:○ 22:○ 29:○							6:● 14:○ 21:○ 28:○							5:● 12:○ 19:○ 27:○									

Outubro							Novembro							Dezembro									
semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do	semana	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa	Do
40		1	2	3	4	5	6	44					1	2	3	48						1	
41	7	8	9	10	11	12	13	45	4	5	6	7	8	9	10	49	2	3	4	5	6	7	8
42	14	15	16	17	18	19	20	46	11	12	13	14	15	16	17	50	9	10	11	12	13	14	15
43	21	22	23	24	25	26	27	47	18	19	20	21	22	23	24	51	16	17	18	19	20	21	22
44	28	29	30	31				48	25	26	27	28	29	30	52	23	24	25	26	27	28	29	
5:● 12:○ 19:○ 27:○							3:● 10:○ 17:○ 25:○							3:● 9:○ 17:○ 25:○									

Pesquisa de Ana Paula Venceslau

de trinta anos e ninguém deixava de afiançar a probidade, o fidelismo quase canino – mas daqueles caninos que só lambem as mãos do dono, nunca mordem, ainda que lhes batam.

O Nunes trabalhava. Ambições zero, proclamava o contentíssimo chefe de seção no seu relatório anual ao Director da Repartição sobre os funcionários. Em consequência, o Nunes ganhava quase o mesmo de quando fora requisitado a outra Repartição num Ministério de certo tomo social. Foi fácil, cedem-no, ninguém estava interessado em ter à disposição de uma eventual revista ou programa daqueles dos conhecidos, um Nunes apático, desejoso apenas de manter uma notória falta de ambição. Isso podia ser um verdadeiro perigo, um terramoto político, desastre na Revista Faces onde se queriam rostos enérgicos, felizes a suarem felicidade, a escorrer simpatia, aspectos plenos sem mácula de insatisfação.

E tais modelos de beleza cutânea e musculatura assustadoramente apresentada, nem precisavam de trabalhar, certo é que nem o faziam, ora porque eram primos de um Lencastre qualquer, ou porque para serem exibidos, não se lhe podia tirar o tempo ou obrigar às escuridões

pesadas dos gabinetes.

Obviamente que o Nunes não era nada disso. Mas era útil, pois se os outros flanavam, alguém tinha que trabalhar por eles. Exactamente os Nunes, cognome Alpaca. Convinha era que nem se desse por eles.

Contava quem só lhe queria mal, que este Nunes, o agora meu conhecido, à força de ter que escrever qualquer coisa sobre os invisíveis, até se recusava a ter carro, chocolateira que fosse. Continuava o engraçadinho:

– Fui ter com ele e disse-lhe ...”Ó Nunes, toda a gente tem carro, as prestações servem para isso, então quer morrer rico?” Sabem o que ele me respondeu?

– Que não tinha dinheiro...

– Também isso. Mas pois que “...o carrito talvez pudesse vir, há Natais e heranças...”Então, ataquei...” Pois está a pensar bem! Força Nunes, escolha um espada digno de si, tire a carta e ande para a frente”

– Desculpe Sr. Honório, o problema está mesmo aí, tirar a carta...

– Não custa, há aí escolas boas, o meu primo tem até uma barata e catita de qualidade! Quer que o recomende?

– Muito agradecido a Vossa Excelência, mas não podes ser...

– Oh homem, porquê?

– Porque só tenho dois pés para três pedais. É difícil!

Não foi de estranhar portanto que remetessem o Nunes para um departamento de agricultura, longe da vista e ainda mais longe do coração!

Verdade seja que deve “ter havido um Natal ou uma herança”, porque o Nunes Alpaca foi visto a guiar cuidadosamente um daqueles piolhos alemães que têm mudanças automáticas. Dois pés para dois pedais...anotem, senhores gozadores!

O Nunes, sempre afável a trazer pastelinhos de nata à esposa (a palavra, por pirosa, ganha sentido próprio aqui com o Nunes...), fumar pouco e só se o chefe lhe chegasse o pacote LM, foi lançado para uma missão de controlo longe da casa e dos pastéis de Belém consoladores maritais, nos fundos do Alentejo.

Constava – neste tipo de pessoas invisíveis, constar já é uma promoção social – que o Nunes andava para baixo e para cima no carro novo de quatro ou cinco anos de idade, e rosnavam as más línguas pouco interessadas em eficácias justiceiras, que não se poupava a trabalhadora de controlos, ia deste para aquele, e daquele para outros ainda! Um azar!

Chegaram novas à minha

investigação, de que o triste Nunes ia cimentando umas amizades, gente certamente igual a ele... “Olhe que não, o homem caiu no goto de lavradores e autarcas! Provavelmente como inspector das lavouras deve, ou ser um desastre, ou um distraído. Corrupto? O Nunes? Nãooooo!

Tudo corria em carris, ninguém estranhou um propalado divórcio, pois as distâncias, sabem... aquilo de andar para baixo e para cima, Lisboa-Beja, Évora-Lisboa, acaba por cansar. Ele já ficava mais tempo em baixo do que no alto.

Ai!, é de certo o deslumbramento dos novos conhecimentos, gente da alta de lá, que ele aqui nem ao pé chegava. Compreendam o pobre Nunes, nem ambições e agora nem mulher! Coitado...

E foi um espanto, até para mim, biógrafo ocasional, quando se soube que o Nunes era o sujeito procurado pelas polícias por ser o dono – e que dono –

de um bar de alterne e *drogaria* com clientes de cá e de lá da raia, muitos deles bem instalados na política ou nos negócios, ou seja, a mesma merdosa mistura da do costume.

Este saiu-me cá um Nunes!

A. A., 6 de Outubro de 2012

Passatempo

AS PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1 - Pequena edificação junto das eiras, para guardar o cereal antes da debulha; Solução alcalina usada para clarear roupa suja. 2- Ave aquática da família dos alcídeos, também designada por airo; Atrever-se a; Irritar. 3 - Parceiro; Apupara; Ajuntei. 4 - Aparência; Presidência da República (sigla); Árvore anacardiácea com cuja casca se aromatiza o vinho; Libra (abrev.); Rádio (s.q.). 5 - Tornar menos assíduo; Materialização de um ser divino (hinduísmo). 6 - Símbolo do génio; Profissão de fé. 7 - Desprende; Socorrer. 8 - Avenida (abrev.); Letra grega correspondente ao R latino; Mulher que amamenta criança alheia; Rio costeiro da França; Gálio (s.q.). 9 - Milheiro; Pretender curar com rezas e bênçãos; Forma apocopada de vale. 10 - Peixe escômbrida; Rebocar; A parte amarela do ovo. 11 - Árvore da família das Salicáceas, de folhas estreitas, que é espontânea junto dos rios, em todo o território de Portugal; Tornar a principiar.

VERTICAIS:

1 - Cortar ou inutilizar os órgãos de reprodução animal; Nome de um jogo de tabuleiro. 2 - Grande ave trepadora semelhante ao papagaio; Faz os possíveis para que algo não aconteça. 3 - Botequim; Tapeçaria ou pano de Arrás; Freguesia do concelho de Mourão. 4 - Ouro (s.q.); Segurar; A mim. 5 - Mensageiros. 6 - A eles; Braço estreito de mar ou rio que se ramifica pela terra; Rio da Suíça, afluente do Reno. 7 - Lusitana; Pequena inchação na cabeça ou na testa, produzida por pancada. 8 - Transpirar; Zanga passageira. 9 - Deus do trovão para os sírios; Sexto mês do calendário judaico. 10 - Arroba (abrev.); Pedra de altar; Decâmetro quadrado. 11 - Fitar o alvo. 12 - Graceja; Variedade de cerveja servida com açúcar (Moç.); Germânio (s.q.). 13 - Início de uma nova ordem de coisas; Quase “todo”; Veterinário (abrev.). 14 - Pau com um gancho na ponta para apanhar fruta; Ave galinácea da América do Sul. 15 - Mondar cuidadosamente a erva; Afligir.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															



Capricórnio (22/12 a 20/01)

O ascendente de Capricórnio desperta na personalidade deste signo a ambição e a vontade de perseguir e alcançar a segurança material.

Tomam em consideração tudo a que têm acesso e ao seu redor para facilitar a subida ao sucesso.

Por serem tão prudentes, são adeptos da utilização de qualquer informação com que se deparem.

Os nativos de Capricórnio costumam aparentar serem calmos, tímidos ou um pouco reservados, sobretudo na primeira impressão. Tudo o que fazem tem um propósito e é feito para alcançar um objectivo bem tangível. Paciência, disciplina e trabalho árduo ajudam estes indivíduos a conseguirem aquilo a que se propuseram cedo na vida.

Organizados e metódicos, são capazes de lidar com grandes responsabilidades e obrigações. Preocupam-se bastante com a sua reputação e sentem uma grande necessidade de realização pessoal.

Aquário (21/01 a 19/02)



A personalidade de Aquário parece funcionar maioritariamente no plano mental. Intelectuais e com pontos de vista independentes, as suas opiniões vão muitas vezes de encontro às crenças populares e teorias gerais.

Parecem estar à frente do seu tempo ou ser mesmo brilhantes e tendem a chocar com as suas ideias e modo de pensar.

São originais, criativos, e possuem um temperamento bastante imprevisível, pendendo para a irritação quando os outros não percebem as suas ideias. Para um Aquário, a segurança está na companhia de pensadores como ele onde as suas ideias são compreendidas. Desprezam a hipocrisia, a falsidade e a imitação, e depositam toda a sua lealdade nos seus amigos.

Envolvem-se normalmente em organizações ou clubes onde todos beneficiam dos objectivos do grupo. São orientados para o contacto com as pessoas, relações às quais dão grande valor.

ANUÁRIO



ECLIPSES EM 2013

Eclipses da Lua *

Data	Tipo de eclipse	Locais onde será visível
25 Abril	Parcial	Europa, América do Sul, Ásia, Austrália, Antártida
25 Maio	Penumbra	Europa Ocidental, Américas, África Ocidental, Antártida
18 Outubro	Penumbra	Américas, África, Ásia, Ártico

* Existem 3 tipos de eclipses lunares:

Penumbra – A lua passa através da penumbra da sombra terrestre. É dificilmente visível.

Parcial – Uma parte da lua passa através da umbra da sombra terrestre. São facilmente visíveis.

Total – A totalidade da lua passa através da umbra da sombra terrestre. São facilmente visualizados e a lua pode ficar com uma cor laranja, avermelhada ou acastanhada.

Eclipses do Sol *

Data	Tipo de eclipse	Locais onde será visível
9 Maio	Anular	Oceânia, Havai, Sul do Pacífico
3 Novembro	Híbrido	América do Norte, Europa Ocidental, África, Médio Oriente

* Existem 4 tipos de eclipses solares:

Parcial – Quando a Lua está ligeiramente fora do centro, bloqueando apenas uma parte do Sol.

Anular – Quando a Lua está mais longe da Terra e parece menor, não bloqueando portanto completamente o Sol mas deixando um anel em volta.

Total – A Lua obscurece o Sol numa faixa relativamente estreita da superfície da Terra e a sua sombra geralmente desloca-se em direcção a leste.

Híbrido – O quarto tipo de eclipse solar é o híbrido, também conhecido por anular/total. Apenas 5% dos eclipses solares entram nesta categoria, fazendo com que o eclipse híbrido seja uma raridade.

Aviso:

Podem resultar lesões oculares permanentes por olhar directamente para o disco do Sol, ou através do visor de uma câmara ou com binóculos ou um telescópio, mesmo quando só permanecer uma fina faixa do Crescente do Sol ou as chamadas Contas de Baily. O 1% da superfície do Sol ainda visível é cerca de 10.000 vezes mais brilhante do que a lua cheia. Olhar para o Sol nessas circunstâncias é como usar uma lupa para concentrar a luz solar sobre material inflamável. A retina é delicada e insubstituível, e um cirurgião pouco ou nada poderá fazer para recuperar a retina. Nunca olhe para o sol fora da fase total de um eclipse, a menos que tenha uma protecção ocular realmente adequada.

Dados do site: <http://www.mreclipse.com/MrEclipse.html>

INÍCIO DAS ESTAÇÕES EM 2013

Primavera (Equinócio ^)	Março..... 20 às 11h; 10m
Verão (Solstício a)	Junho..... 21 às 06h; 04m
Outono (Equinócio d)	Setembro.... 22 às 21h; 44m
Inverno (Solstício k)	Dezembro... 21 às 17h; 11m

ANUÁRIO



DATAS DE MUDANÇA DA HORA ATÉ 2016

Comunicação da Comissão Europeia respeitante às disposições relativas à hora de Verão

Nos anos de 2012 a 2016, inclusive, o início e o termo do período da hora de Verão são fixados, respectivamente, nas datas seguintes, à 1 hora da manhã, tempo universal:

- 2013: domingo 31 de Março e domingo 27 de Outubro,
 - 2014: domingo 30 de Março e domingo 26 de Outubro,
 - 2015: domingo 29 de Março e domingo 25 de Outubro,
 - 2016: domingo 27 de Março e domingo 30 de Outubro.
- Jornal Oficial nº C 083 de 17/03/2011 p. 0006 – 0006*

DURAÇÃO DOS ANOS, MESES E DIAS

	<u>Tempo solar médio</u>
Ano trópico* (equinócio a equinócio)	365 ^d 05 ^h 48 ^m 45 ^s ,2
Ano sideral (estrela fixa a estrela fixa)	365 ^d 06 ^h 09 ^m 09 ^s ,8
Ano anomalístico (periélio a periélio)	365 ^d 06 ^h 13 ^m 52 ^s ,5
Ano de eclipse (nodo a nodo)	346 ^d 14 ^h 52 ^m 54 ^s ,7
Mês sinódico (Lua nova a Lua nova)	29 ^d 12 ^h 44 ^m 02 ^s ,9
Mês trópico (equinócio a equinócio)	27 ^d 07 ^h 43 ^m 04 ^s ,7
Mês sideral (estrela fixa a estrela fixa)	27 ^d 07 ^h 43 ^m 11 ^s ,6
Mês anomalístico (perigeu a perigeu)	27 ^d 13 ^h 18 ^m 33 ^s ,1
Mês draconiano (nodo a nodo)	27 ^d 05 ^h 05 ^m 35 ^s ,9
Dia sideral	23 ^h 56 ^m 04 ^s ,090 53
	<u>Tempo Sideral</u>
Dia solar médio	24 ^h 03 ^m 56 ^s ,555 37

* O ano trópico é o ano das estações, que define o nosso ano civil: é o intervalo de tempo decorrido entre 2 passagens consecutivas do Sol pelo equinócio vernal. Também é referido como ano solar, ano astronómico, ano natural e ano equinocial.



Escorpião (24/10 a 22/11)

Com uma personalidade um tanto ou quanto difícil de controlar, os nativos de Escorpião gostam de manter o secretismo quanto aos seus assuntos, mas são muito curiosos quanto aos dos outros. Têm um talento inato para descobrir segredos e informação confidencial. Estão sempre intuitivamente alerta para mudanças inevitáveis e conscientes das que se avizinham.

A função de um Escorpião reside no corte com o velho e na construção do novo. São as pessoas ideais em caso de emergência, porque conseguem manter a calma em tempos de crise. São bastante versáteis e defendem com grande paixão e garra as causas que consideram justas.

Os Escorpiões colocam grande esforço e sacrifício no alcance dos objectivos, o que pode ser por vezes uma característica menos boa. Quando a natureza intensamente emocional de um nativo deste signo se mistura com os seus desejos românticos, tornam-se possessivos e ciumentos.



Sagitário (23/11 a 21/12)

Os nativos de Sagitário possuem uma personalidade entusiasta, optimista e sempre de olhos postos no futuro. Têm fé e não há nada que os faça perder a exuberância pela vida.

Mesmo que as coisas não corram bem, são capazes de encontrar sempre um lado positivo e identificar um significado e a razão pela qual as coisas aconteceram

daquela forma.

Um Sagitário tem muitas filosofias e, porque entende que as nossas motivações e formas de pensar estão relacionadas com a altura e local onde estamos, as suas ideias e argumentos podem soar quase proféticos.

Os Sagitários têm tendência para tirar conclusões precipitadas e se estenderem em compromissos, tempo e objectivos. Nalgumas ocasiões, podem estar tanto com a cabeça no ar que não vêem algo correcto que esteja à sua frente.



Virgem (23/08 a 23/09)

A imagem pessoal que um nativo de Virgem transmite é a de alguém que presta muita atenção ao pormenor, metucioso e perfeccionista, em especial no seu trabalho.

São organizados, eficientes, extremamente analíticos e críticos de uma forma objectiva, apesar de por vezes se envolverem de tal modo em trivialidades que perdem o significado por inteiro.

Pegam muitas vezes em trabalhos que outros consideram aborrecidos porque, na maneira de pensar de um Virgem, alguém tem de os fazer e eles parecem ser os únicos com a disponibilidade e paciência necessárias para isso.

São metuciosos e apurados com a limpeza e a boa aparência, e preocupam-se muito com a saúde, física e mental.



Balança (24/09 a 23/10)

Os nativos de Balança apresentam-se em situações sociais de forma graciosa e encantadora. São pessoas atraentes, não só pela aparência mas também pelo carisma da personalidade. Com a diplomacia do seu lado, encontram-se muitas vezes no lugar de mediadores e dão frequentemente a ideia de se interessarem mais pelos outros que por eles próprios.

Um Balança gosta de agradar a toda gente, o que os coloca frequentemente em sarilhos. Conseguem colocar-se no lugar do próximo e sabem sempre o que os outros estão a sentir. Acreditam piamente na igualdade e na justiça e conseguem analisar as situações de qualquer ângulo.

A tomada de decisões é um processo moroso para um Balança e, mesmo depois, esperam que alguém tome a decisão por eles, ou só quando são pressionados para tal. Escolhem na maior parte das vezes a decisão que encontra menor resistência.

ANUÁRIO

ASTROLOGIA

O zodíaco contempla o aparente ciclo anual do Sol pelas constelações, dividindo o firmamento em 12 zonas características iguais de longitude celestial. O Zodíaco é reconhecido como o primeiro sistema de coordenadas celestial, desenvolvido pelos astrónomos da antiga Babilónia, constituído por 12 signos (sinais).

A origem etimológica do termo zodíaco provém do Latim 'zodiacus', significando «círculo de animais». No entanto, o zodíaco clássico grego, em tudo semelhante ao que usamos hoje, inclui signos (também estas constelações) que não são representados por animais: Aquário, Gémeos, Virgem e Balança.

Uma outra explicação etimológica conota o termo grego com «um caminho», o caminho que o Sol percorre do ponto de vista da Terra.

O Zodíaco refere-se também à região da esfera celestial que inclui o conjunto de oito arcos, acima e abaixo do firmamento elíptico, que se cruza com o caminho da Lua e dos planetas visíveis a olho nu: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. Os astrónomos da era clássica (Ptolomeu) chamaram-lhes estrelas flutuantes, para os diferenciar dos planetas fixos.

Já os astrólogos entendiam o movimento dos planetas e do Sol através das constelações do Zodíaco como uma forma de explicar e prever acontecimentos na Terra.



Carneiro (21/03 a 20/04)

Os nativos de Carneiro e os que o têm como ascendente, dão uma primeira impressão de pessoas ego-cêntricas e de um signo independente, assertivo e impulsivo.

Os Carneiros não perdem tempo e, quando tomam uma decisão, agem sobre ela de forma habitualmente rápida.

São energéticos e excelentes líderes, mas nem sempre são o melhor 'seguidor'. São óptimos a iniciar as coisas mas deixam-nas frequentemente para um dos signos fixos acabar. Altamente competitivos, gostam de se pôr à prova constantemente.

Apesar de governados por Marte e bastante temperamentais, as fúrias são passageiras e são em regra acolhedores e inspiradores. Apresentam qualidades como a coragem e lealdade mas também a impaciência e têm um forte sentido de individualidade.



Touro (21/04 a 21/05)

Os nativos de Touro transmitem a imagem de alguém prático e de quem se pode depender, que tem os pés bem assentes na terra. Com a atenção centrada em valores mais práticos, tomam decisões que sirvam as suas necessidades de forma tangível. Depois de tomarem uma decisão, dificilmente serão persuadidos a alterar.

Não se adaptam bem à mudança, sob quaisquer condições, sendo melhor dar a um Touro o tempo necessário para digerir e absorver novos conceitos. São teimosos, não se deixando ser empurrados ou forçados a fazer seja o que for.

Os Touro são os construtores do zodíaco: são capazes de construir desde uma relação a um império. Apesar de demorarem o seu tempo a iniciar, possuem uma personalidade determinada e metódica, características que aplicam no decorrer e conclusão das tarefas em mão.

A sua função é alcançar a mestria em tudo o que faz, dando ótimos resultados. Gostam de aproveitar tudo o que a vida tem para lhes oferecer e apreciam a ordem, organização, conforto e respondem muito bem ao estímulo e ao prazer.



Gémeos (22/05 a 21/06)

A pessoa com ascendente de Gémeos apresenta conhecimentos sobre um variado número de assuntos e anseia por comunicar com e sobre o ambiente que a rodeia. É uma pessoa espirituosa, inteligente e perspicaz e tende a dominar intelectualmente o círculo onde está inserido.

Expressa-se com facilidade e, apesar de parecer superficial, tem normalmente algo a dizer quanto aos seus pontos de vista do momento - tenha ou não sido questionado sobre isso. Com uma mente sempre em funcionamento, a saltar de ideia em ideia, as palavras acabam por funcionar como âncora para os seus pensamentos.

Uma das características de um nativo de Gémeos, é a capacidade argumentativa que usa para entrar e sair de situações, fazendo parecer simples o que por vezes é bastante complicado e constrangedor. É um pensador criativo, original e algo visionário, expressando-se de forma eloquente. Tende a identificar-se com as suas ideias e, devido à sua destreza, facilmente põe em prática os seus projectos.



Caranguejo (22/06 a 22/07)

A imagem de um nativo de Caranguejo surge como a de alguém orientado para a família e extremamente sensível ao meio que o rodeia. São pessoas preparadas para agradar e satisfazer as necessidades dos outros e sabem intuitivamente o que os outros querem mesmo antes deles próprios.

São protectores e carinhosos e, porque este é um signo maternal, estão presentes todos os instintos protectores maternos, seja homem ou mulher. O sentimentalismo ocupa uma grande parte da vida de um Caranguejo, que confia nas suas intuições e instintos para a tomada de decisões.

Devido à associação que este signo faz entre posse e emoções, os nativos têm uma óptima memória. Têm uma personalidade inconstante, mudam de humor facilmente e são bastante temperamentais. Como mecanismo de auto protecção, tendem a fechar-se na sua “concha” quando se sentem ameaçados emocionalmente.



Leão (23/07 a 22/08)

Os que nasceram sob o signo de Leão, mostram o orgulho e a dignidade como características marcantes da sua personalidade. Cheios de vitalidade, acolhedores, leais e honestos, gostam e precisam de constante atenção, o que os leva a ser quase sempre os “entertainers” ou os entretidos.

Os nativos de Leão possuem uma grande força de vontade, a par da grande fé e confiança que depositam em si próprios. Eles “sabem” que nasceram para estar numa posição de liderança e autoridade, o que leva por vezes a chamarem a si o controlo de situações mesmo sem serem convidados.

Acostumados com a autoridade, quando nesta posição tendem a provar a eles e aos outros que merecem tal confiança e nunca permanecem numa posição de subordinado por muito tempo.

De uma forma geral, o nativo de Leão gosta de fazer tudo com floreios e gosta que o mundo veja.



Peixes (20/02 a 20/03)

Os nativos de peixes mostram-se etéreos e misteriosamente charmosos, quase frágeis. Mostram um nível de consciencialização que muitos desconhecem. Não são pessoas materialistas, entregam-se frequentemente de corpo e alma a causas que os outros vêm como perdidas.

Cheios de compaixão, a realidade em que vivem é para eles tão verdadeira como a física. Possuem uma paz interior invejável e conseguem manter-se calmos nas circunstâncias mais adversas. Visionários e muito sensíveis, respondem facilmente aos pensamentos e sentimentos dos outros. Conseguem perceber se os outros estão a passar por dificuldades, detectando a dor e sofrimento nas suas vidas.

Costumam ser bastante artísticos por natureza, virados sobretudo para a música e dança, mas também para a pintura, representação e outros. Nada egoístas e muito dedicados, costumam fechar os olhos aos defeitos dos que amam.

TABELAS DE MARÉS PARA 2013

PORTO DE REFERÊNCIA	LOCAL	COORDENADAS GEODÉSICAS (WGS84)		CORREÇÕES EM TEMPO				CORREÇÕES EM ALTURA (cm)				RELAÇÃO DE AMPLITUDE		
		LAT (N)	LONG (W)	PM		GM		PM		GM		AV	AM	
				AM h:m	AV h:m	AM h:m	AV h:m	AM h:m	AV h:m	AM h:m	AV h:m			
VIANA DO CASTELO	Caminha	41 52.0	8 52.1	+ 9	+ 22	+ 38	+ 1 23	- 2	0	+ 20	+ 71			
	Áncora	41 48.8	8 52.2									0.94		
	Esposende	41 32.5	8 47.5	+ 6	+ 5	+ 22	+ 48	+ 3	- 4	+ 23	+ 50			
	Póvoa de Varzim	41 22.5	8 46.0	+ 1	+ 2	+ 2	- 1					1.00	1.01	
	Vila do Conde	41 20.4	8 44.9	0	- 1	+ 3	+ 3					0.95	0.95	
LEIXÕES	Barra de Deus	41 08.8	8 40.0	- 5	0	- 8	+ 25	- 8	-10	0	+ 15			
	Capitania do Douro	41 08.5	8 37.1	+ 16	+ 16	+ 30	+ 44	+13	+16	+16	+ 33			
	Crestuma	41 04.2	8 30.2	+ 50	+1 02	+1 31	+2 14	+19	+13	+20	+ 56			
AVEIRO (Barra de Aveiro)	Casais de S. Jacinto e Ovar													
	S. Jacinto	40 39.8	8 43.7	+ 20	+ 18	+ 22	+ 32	+ 5	- 5	+ 8	+ 23	.89	.98	
	Cais Comercial	40 38.0	8 44.0	+ 14	+ 20	+ 24	+ 26	- 2	-13	+ 8	+ 16	.86	.82	
	Miradouro	40 41.4	8 43.3	+ 53	+ 49	+ 47	+1 07	+ 8	- 9	+14	+ 44	.79	.85	
	Mocimão	40 43.1	8 41.9	+1 00	+1 07	+1 12	+1 38	+ 4	-16	+17	+ 72	.66	.89	
	Torreira	40 45.7	8 42.0	+1 30	+1 34	+2 34	+3 03	+ 2	-18	+42	+116	.48	.68	
	Varela	40 47.4	8 40.5	+2 16	+2 25	+3 10	+3 41	- 6	-34	+57	+129	.36	.49	
	Puxadouro	40 50.1	8 37.4	+2 56	+3 22	+4 35	+5 02	-12	-45	+83	+135	.30	.40	
	Pardilhã	40 48.1	8 38.3	+2 56	+3 31	+4 03	+4 32	-11	-42	+85	+138	.30	.39	
	Ovar	40 50.5	8 38.6	+3 02	+3 28	+4 27	+4 53	-13	-44	+87	+139	.32	.43	
	Carregal	40 51.7	8 38.4	+3 12	+3 06	+4 35	+5 05	- 8	-36	+63	+136	.33	.43	
	Manchão	40 45.7	8 39.6	+3 34	+4 42	+5 01	+5 36	-15	-56	+74	+146	.20	.28	
	Rio Vouga													
	Panascal	40 40.7	8 40.6	+ 40	+ 52	+ 46	+1 09	+ 9	- 6	+20	+ 48	.79	.90	
	Rio Novo	40 41.7	8 38.3	+ 58	+1 16	+1 05	+1 37	+10	- 8	+21	+ 60	.73	.90	
	Cadã	40 41.7	8 36.1	+1 16	+1 40	+1 34	+2 03	+ 5	-12	+46	+ 81	.64	.64	
	Canal da Vila													
	Terminal de Líquidos	40 39.6	8 42.7	+ 16	+ 24	+ 29	+ 38	+ 2	- 9	+ 8	+ 19	.89	.95	
	Ponte Cais n.º 2	40 38.4	8 41.6	+ 29	+ 31	+ 33	+ 32	+ 6	- 5	+ 9	+ 23	.89	.98	
	Lata	40 38.7	8 39.8	+ 44	+ 50	+ 36	+ 58	0	-12	+ 7	+ 21	.87	.84	
	Esquerda	40 39.2	8 37.9	+1 17	+2 02			+ 5	-19					
	Canal de Ilhavo													
	Vista Alegre	40 35.3	8 41.1	+1 29	+1 55	+2 12	+3 01	+ 1	-28	+32	+ 84	.52	.75	
	Cais de Pedra	40 32.4	8 40.5	+1 51	+2 36	+2 40	+3 30	+ 3	-28	+37	+102	.49	.75	
	Boca	40 32.0	8 40.0	+1 56	+2 49	+2 49	+3 38	+ 3	-27	+37	+101	.50	.73	
	Bacia de Laxeiro													
	Cais do Bico	40 43.7	8 38.8	+1 19	+1 37	+1 56	+2 41	- 1	-23	+10	+ 74	.63	.91	
	Vale Faleira	40 42.6	8 36.3	+1 26	+2 05	+2 34	+3 21	- 1	-23	+16	+ 84	.59	.85	
	Estanheira	40 44.8	8 35.4	+1 32	+2 09			+ 1	-23					
	Saleiro	40 43.9	8 34.4	+1 34	+1 59	+3 03	+3 52	+ 3	-17	+32	+ 98	.58	.77	
	Canais	40 42.7	8 33.8	+2 00	+2 16	+3 36	+4 25	- 3	-21	+66	+134	.40	.46	
	Canal de Mira													
	Costa Nova	40 37.2	8 44.9	+ 24	+ 27	+ 42	+ 28	+ 2	+ 4	0	+ 14	.96	1.01	
	Vaqueira	40 33.7	8 45.5	+ 47	+ 46	+3 32	+2 28	+ 1	0	+36	+120	.53	.71	
	Areão	40 30.6	8 46.6									.06	.04	
	FIG. DA FOZ	S. Martinho da Porta	39 30.7	9 00.4			+ 0						1.03	
	PENICHE	Nazare	39 35.1	9 04.5	- 4	- 6	- 3	- 3	+ 7	+ 7	+ 9	+ 9		
	CASCAIS	Encerra	38 57.3	9 25.3	+ 1	+ 1	+ 3	- 2					1.05	1.05

COMENTÁRIOS / ANOTAÇÕES

PORTO DE REFERÊNCIA	LOCAL	COORDENADAS GEOGRÁFICAS (WGS84)		CORREÇÕES EM TEMPO				CORREÇÕES EM ALTURA (m)				RELAÇÃO DE AMPLITUDE	
		LAT (N)	LONG (W)	PM		BM		PM		BM		AV	AM
				AM + -	AV + -	AM + -	AV + -	AM + -	AV + -	AM + -	AV + -		
LISBOA (Terreiro do Trigo)	Pago de Arcos	38 41.5	9 17.0	- 23	- 31	- 13	- 20	-24	-33	0	+ 5	0.88	0.85
	Pedraços	38 41.6	9 13.5	- 18	- 21	- 16	- 21	-17	-22	0	0	0.93	0.91
	Trialaria	38 40.5	9 13.9	- 12	- 19	- 9	- 13	-19	-26	0	0	0.92	0.88
	Cacilhas	38 41.3	9 08.9	- 11	- 11	- 14	- 17	0	0	0	0	1.00	0.97
	Arsenal do Alfeite	38 40.1	9 08.9	- 7	- 13	- 15	- 17	0	- 5	0	0	0.99	1.01
	Montijo	38 41.4	9 02.9	= 3	= 6	= 13	= 17	+ 6	+11	0	= 7	1.06	1.02
	Setúbal	38 39.0	9 04.6	0	- 5	- 11	- 15	0	+ 7	+ 5	0	1.02	0.98
	Cabo Ruivo	38 45.4	9 05.5	0	0	- 11	- 14	+ 8	+15	0	-11	1.06	1.05
	Alcáçete	38 45.4	9 08.0	0	- 7	- 3	0	+17	+25	0	-17	1.13	1.10
	Porta do Ervo	38 50.0	9 08.0	+ 9	+ 11	+ 2	+ 11	+23	+34	0	-13	1.15	1.14
	Revoa de Santa Iria	38 51.4	9 03.7	+ 10	+ 17	+ 2	+ 13	+20	+18	0	0	1.07	1.15
	Vila Franca do Xico	38 57.1	9 09.4	+ 28	+ 36	+ 41	+111	+32	+28	+11	+22	1.02	1.14
Carragado - Terra	39 00.5	9 06.5	+107	+118	+130	+205	+28	0	+15	+48	0.84	1.08	
SETÚBAL (Troia)	Balixa 4	38 27.9	9 57.7	- 13	- 18	- 4	- 11	- 5	- 8	+ 5	+ 10	1.11	
	Óutico	38 29.6	9 56.0	- 3	- 3	0	0	- 4	- 7	+ 2	+ 4		
	Cais Comercial	38 31.2	9 53.4	+ 9	+ 6	+ 4	+ 5	- 6	- 7	- 4	- 8		
	Desmagnetização	38 27.5	9 51.1	+ 10	+ 13	+ 5	+ 7	+ 2	+ 3	- 5	- 10		
	Linhares (Setúbal)	38 29.2	9 47.5	+ 14	+ 19	+ 6	+ 9	+ 6	+10	- 8	- 13		
	Pineiro	38 26.3	9 42.9	+35									
LAGOS	Baleira	37 00.1	9 56.0	0	0	= 2	+ 2					1.02	1.03
	Portimão (interior)	37 07.9	9 52.1	+23								1.05	
	Portimão (exterior)	37 07.6	9 51.7	0	0	0	0					1.00	1.00
	Abaféris	37 05.1	9 15.2	+25								1.07	
FARO-OLHÃO	Barro do Ancho	36 58.8	7 56.9	+ 3	+ 9	= 3	+ 13	- 4	- 7	- 4	+ 8		
	Faro (Cais Comercial)	37 00.2	7 55.3	+ 21	+ 24	+ 4	+ 6	+ 2	+ 2	- 5	- 5		
	Olhão (C. Lote)	37 01.4	7 59.3	0	+ 2	+ 5	+ 18	- 4	- 4	- 6	- 9		
	Barro da Armonia	37 00.5	7 48.2	- 17	- 23	- 8	- 4	- 1	- 2	+ 2	+ 3		
	Barro do Tavira	37 08.9	7 37.1	- 9	- 11	- 4	- 12	+ 1	- 3	0	+ 5		
	Barro de Cacia	37 08.7	7 34.4	- 39	- 36	+ 27	+ 23	+ 2	- 3	+ 3	+ 21		

COMENTÁRIOS / ANOTAÇÕES

COMENTÁRIOS / ANOTAÇÕES

